



PELO FIM DOS CASTIGOS FÍSICOS E HUMILHANTES

Manual para sensibilização de pais, mães e cuidadores de crianças



PROMUNDO



Save the Children
Suécia

Bernard van Leer  Foundation



**PELO FIM DOS CASTIGOS
FÍSICOS E HUMILHANTES**

Manual para sensibilização de pais, mães e cuidadores de crianças

PELO FIM DOS CASTIGOS FÍSICOS E HUMILHANTES

Manual para sensibilização de pais, mães e cuidadores de crianças

Autores

Isadora Garcia
Marianna Olinger
Tatiana Araújo

Colaboradores

Márcio Segundo
Marcos Nascimento
Simone Gomes

Apoio técnico e financeiro

Fundação Bernard van Leer
Save the Children Suécia

Projeto gráfico

www.metaracomunicacao.com.br

Os autores gostariam de agradecer o apoio e a participação no desenvolvimento da pesquisa, testagem e publicação deste manual: Denise Stuckenbruck, Marcia Oliveira, Angélica Goulart e toda a equipe da Fundação Xuxa Meneghel, equipe do Solar Meninos de Luz, equipe da Associação de Moradores de Cancela Preta, Gabriela Aguiar, Hugo Correa, Christine Ricardo e Lucas Sorrentino.

ÍNDICE

04 INTRODUÇÃO

- 05 QUAL É O OBJETIVO DESTE MANUAL?
- 07 COMO ESTE MANUAL ESTÁ ORGANIZADO?

08 PARTE I PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE CASTIGOS FÍSICOS E HUMILHANTES

- 09 O que são castigos físicos e humilhantes?
- 09 Quais os efeitos dos castigos físicos e humilhantes?
- 09 Por que os adultos usam castigos físicos e humilhantes contra as crianças?
- 10 Por que eliminar os castigos físicos e humilhantes?

14 PARTE II COMO UTILIZAR AS ATIVIDADES DESTE MANUAL?

- 17 ATIVIDADES DE AQUECIMENTO
- 18 Exemplo: Aquecendo o grupo e estabelecendo regras de convivência

20 BLOCO 1: FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

- 20 Técnica 1: Pessoas e Coisas
- 22 Técnica 2: Vídeo “Era uma vez outra família”
- 24 Técnica 3: Pais perfeitos, mães perfeitas?
- 26 Técnica 4: A árvore dos Gêneros
- 29 Técnica 5: Gráfico da Família

32 BLOCO 2: DESENVOLVIMENTO INFANTIL

- 32 Técnica 1: As necessidades das crianças de 0 a 6 anos
- 38 Técnica 2: As necessidades das crianças de 7 a 11 anos

41 BLOCO 3: COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA

- 41 Técnica 1: Que mensagens transmitimos as crianças?
- 43 Técnica 2: Sociodramas sobre mensagens enviadas às crianças
- 45 Técnica 3: Resgatando a vivência dos participantes em suas famílias de origem

48 BLOCO 4: EDUCAÇÃO SEM VIOLÊNCIA

- 48 Técnica 1: Varal da violência
- 51 Técnica 2: Mantendo o controle
- 55 Técnica 3: Criar... para quê?
- 57 Técnica 4: Qual é o nosso estilo? Identificando estilos e práticas familiares para a educação das crianças
- 58 Técnica 5: Os conflitos familiares como oportunidades para crescer
- 59 Técnica 6: É possível uma educação sem violência?

- 68 NOTAS SOBRE A TESTAGEM
- 72 SUGESTÕES DE SITES E MATERIAIS DE APOIO
- 72 BIBLIOGRAFIA

00

INTRODUÇÃO

Este manual é resultado do projeto Crianças Sujeitos de Direitos desenvolvido pelo Promundo, com o apoio da Save the Children Suécia e a Fundação Bernard van Leer, que teve como objetivo realizar um estudo avaliativo de um programa de intervenção, buscando determinar o impacto relativo do programa, nos níveis comunitário e interpessoal. A questão central da intervenção foi promover relações mais harmoniosas e não violentas entre pais/cuidadores e crianças com objetivo de entender se isso transformaria normas acerca da educação infantil e reduziria atitudes e comportamentos de violência intrafamiliar contra crianças. Além disso, pretendia-se identificar que estratégias teriam sucesso na promoção desses relacionamentos mais harmoniosos e não violentos para a erradicação do castigo físico contra a criança e promoção do desenvolvimento infantil no âmbito familiar.

A escolha do tema dos castigos físicos e humilhantes foi feita porque acreditamos que esta é uma prática que está disseminada em nossa sociedade e está diretamente relacionada com as relações de poder entre pais e filhos e a visão que se tem da infância. Além disso, a prática dos castigos físicos e humilhantes contra crianças configura uma violação aos seus direitos fundamentais, como a proteção contra todas as formas de violência e o respeito a sua integridade física e dignidade humana.

O ponto de partida deste material é o entendimento de que as crianças têm o direito a um ambiente seguro e protetor, ou seja, crescer em famílias onde estejam livres da violência e tenham os cuidados que precisam para se desenvolver. Estes direitos estão contemplados no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Convenção dos Direitos da Criança.

Este manual é uma ferramenta que pode ser utilizada por profissionais de diversas áreas que pretendem envolver as famílias em um processo reflexivo e de sensibilização sobre os castigos físicos e humilhantes contra crianças.



QUAL É O OBJETIVO DESTA MANUAL?

Este manual foi elaborado especialmente para profissionais que trabalham ou desejam trabalhar com famílias sobre educação de crianças. Aqui serão encontradas diversas idéias, sugestões, atividades e argumentos que podem auxiliar no trabalho com pais, mães e cuidadores¹ de crianças de 0 a 12 anos, para que possam refletir e, até mesmo, provocar mudanças nos seus conceitos, comportamentos e atitudes em relação à educação das crianças.

Nosso principal objetivo foi o de construir um material com linguagem clara e direta, para que possa ser utilizado por diversos profissionais em diferentes contextos, como por exemplo, grupos comunitários, em escolas, igrejas, entre outros.



Objetivos específicos deste manual

_Em relação aos profissionais:

- a) Fornecer informações sobre os castigos físicos e humilhantes e alternativas positivas de educação para educadores e profissionais que trabalham com crianças e famílias;
- b) Sensibilizar educadores e profissionais para que levem o tema dos castigos físicos e humilhantes para as suas escolas, organizações e grupos de trabalho;
- c) Disponibilizar exemplos detalhados de atividades que podem ser utilizadas com grupos de pais, mães e outros adultos responsáveis pela educação de crianças.

_Em relação aos pais, mães e cuidadores:

- a) Provocar uma reflexão sobre os seus comportamentos e atitudes em relação à educação das crianças;
- b) Sensibilizar para o problema dos castigos físicos e humilhantes;
- c) Questionar o uso da violência como forma de disciplina;
- d) Apresentar práticas educativas que promovam a autonomia e o pleno desenvolvimento de crianças sem o uso de violência.

¹ O termo "cuidadores" será utilizado neste manual como referência para toda pessoa que exerce a função de cuidado de uma ou mais crianças, como o "tomar conta" ou mesmo, assumir a sua educação, cuidados com a saúde e higiene e oferecer suporte afetivo, emocional ou material. Sua relação com a criança implica em responsabilidades, ainda que não tenha com ela laços consanguíneo ou vínculo legal.

PRESSUPOSTOS BÁSICOS DESTE MANUAL

1. Pais/Mães/Cuidadores geralmente querem o melhor para suas crianças. Sabemos que os pais muitas vezes ficam ansiosos e que, algumas vezes, não têm conhecimento ou prática de como disciplinar suas crianças ou estabelecer limites sem o uso da violência. Acreditamos que estes pais geralmente conhecem melhor do que qualquer outra pessoa quais são as necessidades das suas crianças e que desejam o melhor para elas.
2. Pais/Mães/Cuidadores devem ser vistos como nossos aliados na redução da violência contra a criança. Alguns esforços no sentido de prevenir o abuso contra crianças tratam os pais como potenciais criminosos ou como potencialmente “maus”. Nosso enfoque é outro. Partimos das atitudes positivas dos pais e assumimos que eles devem ser informados e engajados nas discussões sobre como agir para reduzir a violência contra crianças. Nós assumimos que os pais e as famílias têm recursos, habilidades e contatos com outras pessoas que podem ser envolvidas para prevenir ou reduzir a violência. Neste manual, encorajamos os pais a construir, em grupo, estes recursos.
3. Famílias são diferentes e devem ser abordadas tendo como base suas necessidades, sem julgamentos. Não existe um modelo ideal de família. Mais do que qualquer outra coisa, as crianças necessitam dos cuidados de um adulto que ponha seus interesses acima dos deles próprios. Este

cuidado pode ser dado pela mãe ou pelo pai, mas ele também pode vir de outros parentes como tias, tios, avós, assim como dos amigos da família ou dos padrastos. Pais podem cuidar das crianças tão bem quanto as mães. Nas atividades propostas, promovemos o respeito pela diversidade das famílias e não assumimos que exista um modelo melhor do que outro.

4. Crianças – e seus pais ou cuidadores – têm necessidades diversas em diferentes momentos em seu ciclo de vida. Eventos como o nascimento de outro filho, a mudança de escola, desemprego, separação ou novo casamento, podem trazer necessidades específicas e, algumas vezes, momentos de estresse para a família. Estas necessidades, mesmo que ocorram somente em determinados períodos da vida da criança e da família, devem sempre ser considerados.
5. Violência é um comportamento aprendido. Não é natural, nem inevitável. Mesmo a violência sendo considerada normal em alguns casos, ela não deve acontecer. Aprendemos a ser violentos com a violência que acontece a nossa volta. Refletir sobre o que é a violência e questionar a sua utilização é um dos caminhos para preveni-la.
6. Buscar ajuda e falar sobre violência é necessário. Muitas famílias se sentem envergonhadas em falar sobre a violência que acontece em suas vidas. Outras vezes, têm medo de falar sobre o tema. Sabemos que falar sobre o estresse e a violência e procurar ajuda dos amigos e da família são fato-

res protetores para reduzir a violência. Muitas das atividades deste manual encorajam as famílias a buscar por ajuda e falar sobre tensões e violência.

7. Um grupo formado por outros pais que tenham experiências similares é um lugar ideal para falar sobre violência. Falar sobre estresse, violência e os desafios de ser um pai/uma mãe em um grupo de pais e cuidadores é uma das melhores formas de fortalecer e potencializar as pessoas. No trabalho direto que fazemos com as famílias, freqüentemente escutamos que elas se sentem isoladas e que existem poucos espaços onde os pais, as mães e os cuidadores podem falar sobre seus problemas e necessidades.



8. Aconselhamento profissional e apoio psicológico são, algumas vezes, fundamentais para as famílias. Quando iniciamos um trabalho com grupos de pais, mães e cuidadores, é importante que tenhamos conhecimento dos serviços disponíveis na comunidade ou locais próximos e ficarmos atentos para as demandas que surgirem ao longo dos encontros. Um encaminhamento adequado pode contribuir para quebrar o isolamento em que as famílias muitas vezes se encontram.

COMO ESTE MANUAL ESTÁ ORGANIZADO?

Este manual está organizado em duas partes. Na primeira, você encontrará noções sobre os castigos físicos e humilhantes. Respondendo algumas das perguntas mais frequentes sobre o tema, esclarecemos algumas questões como definições, causas e conseqüências, informações sobre leis e reforma legal, entre outros aspectos que poderão ajudar na compreensão do tema.

Na segunda parte, estão apresentadas oficinas que tem como objetivo realizar um trabalho de reflexão e sensibilização em grupo com famílias. Nesta parte, além das atividades, serão apresentadas algumas dicas e reflexões para quem quiser desenvolver um trabalho como este, ou seja, para o futuro facilitador e/ou educador.

Ao final, o manual traz sugestões de recursos adicionais para o facilitador e/ou educador que tiver interesse em conhecer outras experiências e obter mais informações sobre o tema.



01

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE CASTIGOS FÍSICOS E HUMILHANTES

Para facilitar a compreensão de conceitos e informações que envolvem o tema dos castigos físicos e humilhantes criamos esta seção de perguntas e respostas. Aqui, poderão ser encontradas algumas questões importantes para o facilitador e/ou educador que deseja ampliar seu conhecimento ou capacidade de argumentação a favor do fim dos castigos físicos e humilhantes.

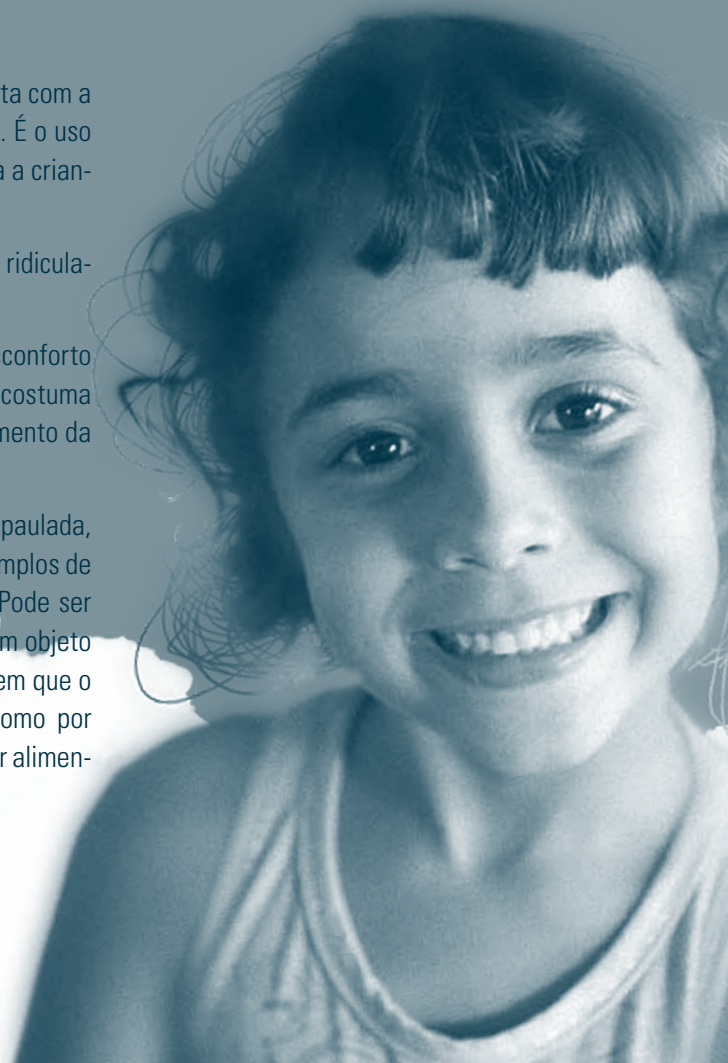
O que são castigos físicos e humilhantes?

Castigos físicos e humilhantes são formas de violência aplicada por uma pessoa adulta com a intenção de disciplinar a criança, para corrigir ou modificar uma conduta indesejável. É o uso da força causando dor física ou emocional à criança. É uma forma de violência contra a criança e uma violação de seu direito à dignidade e integridade física.

O castigo humilhante pode ser exercido de várias formas como abusar verbalmente, ridicularizar, isolar ou ignorar a criança.

Castigo físico é um ato realizado por um adulto com a intenção de causar dor ou desconforto físico em uma criança. Pode deixar ou não marcas visíveis no corpo. O motivo que costuma levar os pais ou responsável a aplicar um castigo físico é o de corrigir um comportamento da criança e impedir que ela o repita.

Existem muitas formas de castigos físicos: palmadas, tapas, beliscões, chineladas, paulada, varada, amarrar a criança, deixar de joelhos, socar, esmurrar ou bater, são alguns exemplos de castigos físicos. A força pode ser aplicada de muitas formas no corpo da criança. Pode ser com a mão – tapa na cabeça, na nádega, puxão de orelha, beliscão -, com o uso de um objeto – régua, cinto, chinelo, fio – ou mesmo sem bater na criança. É o caso dos castigos em que o adulto coloca a criança em posições desconfortáveis e situações humilhantes, como por exemplo, obrigar a criança a manter-se de joelhos sobre grãos, reter excreções, ingerir alimentos ou substâncias estragadas ou de sabor aversivo, entre outros.



Quais os efeitos dos castigos físicos e humilhantes?

Os efeitos dos castigos físicos e humilhantes não podem ser generalizados para todas as crianças, pois dependem da experiência de vida de cada um e da configuração familiar em que a criança encontra-se inserida.

Pesquisas e a experiência prática mostram que entre os possíveis efeitos dos castigos físicos e humilhantes estão:

Nas crianças

- comprometem a sua auto-estima, gerando um sentimento de pouca valia e expectativas negativas ao seu próprio respeito.
- ensina-lhes a serem vítimas. Ao contrário de uma crença bastante disseminada de que os castigos fazem as crianças “mais fortes” porque as “prepara para a vida”, sabemos que não apenas não as tornam mais fortes, mas as tornam mais vulneráveis a converterem-se repetidamente em vítimas em diferentes situações e relações.
- interferem em seu processo de aprendizagem e no desenvolvimento de sua inteligência, seus sentidos e emoções.
- sentem solidão, tristeza e abandono.
- incorporam uma visão negativa das pessoas e da sociedade como um lugar ameaçador ao seu modo de ver a vida.
- criam uma barreira que impede ou dificulta a comunicação com seus pais, mães ou cuidadores e prejudica os vínculos emocionais estabelecidos entre eles.

- fazem sentir raiva e vontade de fugir de casa.
- produzem mais violência. Ensinam que a violência é um modo adequado de se resolver os problemas e conflitos.
- podem apresentar dificuldade de integração social.
- não aprendem a cooperar com as figuras de autoridade, aprendem somente a obedecer às normas ou a transgredi-las.

Nos adultos – pais, mães ou cuidadores

- podem produzir ansiedade e culpa, inclusive quando se considera correta a aplicação deste tipo de castigo.
- produzem mais violência. O uso dos castigos físicos e humilhantes aumenta a probabilidade de que os pais, mães ou cuidadores manifestem comportamentos violentos no futuro em outros contextos, com maior frequência e intensidade.
- impedem ou dificultam a comunicação com as crianças e comprometem as relações familiares.

Por que os adultos usam castigos físicos e humilhantes contra as crianças?

Os castigos físicos e humilhantes contra crianças são amplamente disseminados em nossa sociedade, especialmente porque são defendidos como uma prática legítima de educação e disciplina nas famílias e em outras instituições. No entanto, muitos pais

não acreditam que a violência seja a melhor forma de educar e disciplinar uma criança. Quando escutamos as famílias, observamos que, freqüentemente, elas sentem falta de alternativas na hora de estabelecer limites para suas crianças.

Vejam algumas motivações pelas quais pais, mães ou cuidadores recorrem ao castigo físico e humilhante:

- consideram os castigos oportunos para a educação das crianças.
- acreditam que devem impor limites e disciplinar as crianças através de censura, gritos, xingamentos, palmadas, tapas, contenções ou outras formas de agressões físicas ou verbais.
- carecem de recursos suficientes para enfrentar uma situação de conflito.
- desconhecem modelos de disciplina positiva, baseados na não-violência, no respeito e na educação como uma experiência de troca, aprendizado e busca de soluções conjuntamente com as crianças.
- para descarregarem sua raiva.
- não têm controle sobre suas emoções e impulsos.
- também foram educados desta forma por seus pais ou cuidadores e acreditam que esta é a melhor forma de disciplinar as crianças.



Depoimentos de crianças sobre o que pensam e sentem sobre os castigos que sofrem:

“Realmente gostaria de querer bem meus pais, mas não posso. Eles me batem muito.”
Menino, Camarões.

“Não é justo porque nascemos para ser amados e felizes e não para que nos agri-dam.” Menina, Costa Rica.

“Os adultos batem nas crianças, mas por que as crianças não batem nos adultos? Porque eles são maiores (grandes) e nós somos pequenos.” Menina, Irlanda do Norte.

“Não gosto muito do meu pai não porque ele adora me bater. Eu era a preferida para apañar dele.” Criança brasileira, contexto rural.

“Eu acho que os pais devem ter paciência com os filhos e não bater logo, e conversar com eles é melhor do que espancar, esta pode ser uma maneira de ensinar o melhor para não ensinar o caminho da maldade.” Criança mexicana, contexto rural.

Fonte: Harper, Kate; Horno, Pepa; Martin, Florence e Nilsson, Mali. Erradicando o castigo físico e humilhante contra a criança: manual de ação. Save the Children Suécia. 2006.123p.

Promundo. Práticas familiares e participação infantil a partir da visão de crianças e adultos: um estudo exploratório na América Latina e no Caribe. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Por que eliminar os castigos físicos e humilhantes?

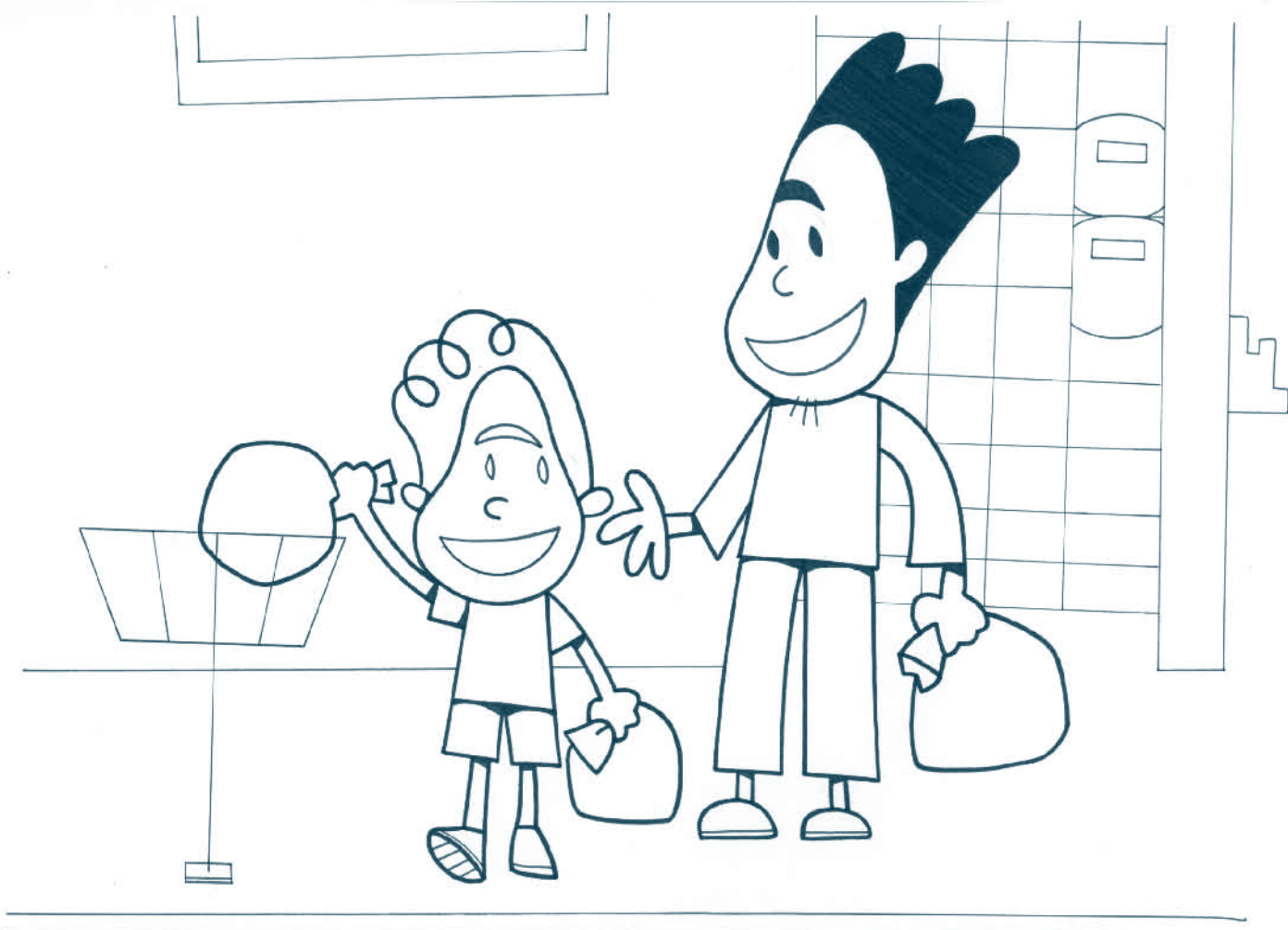
Por serem amplamente aceitos, e, portanto também corriqueiros, os castigos físicos e humilhantes acabam sendo deixados em segundo plano na luta pela garantia dos direitos das crianças. Todavia, estas razões são justamente as que fazem deste tema prioritário nessa luta. Trabalhar pelo fim dos castigos físicos é uma forma de eliminar todas as formas de violência contra crianças.

Afirmar que existe um “limite” entre violência leve e grave é uma forma equivocada de abordagem, pois ignora as crianças como sujeitos de direitos. Todas as formas de violência estão inter-relacionadas e devem ser combatidas igualmente, começando pelos nossos lares.

Resumidamente, é importante criar condições para o enfrentamento dos castigos físicos e humilhantes por que:

- é uma violação dos direitos humanos da criança à integridade física e dignidade humana e igual proteção perante a lei. Em muitos casos, podem ameaçar o exercício de outros direitos fundamentais, como o da educação, desenvolvimento, saúde e sobrevivência.
- podem causar sérios danos físicos e psicológicos a criança.
- ensinam à criança que violência é uma forma aceitável de resolver conflitos ou persuadir que as pessoas façam o que ela quer.
- são um meio ineficaz de disciplinar.
- porque dificultam a proteção da criança de outras formas ou níveis de violência.

O Brasil, desde 1990 é signatário da Convenção sobre os Direitos da Criança. Neste mesmo ano entrou em vigor o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Além disso, desde 1988, a Constituição Federal afirma o dever da família, da sociedade e do Estado de garantir com absoluta prioridade o respeito pelos direitos de meninos, meninas e adolescentes e protegê-los contra toda forma de violência, crueldade ou opressão (artigo 127 da Constituição). Apesar do reconhecimento constitucional, a legislação não garante plenamente o direito das crianças à proteção contra todas as formas de violência.



A Convenção dos Direitos da Criança introduz uma nova visão sobre a infância. Contradiz uma visão paternalista e assistencial de relações de dependência das crianças em relação aos adultos que estão responsáveis por elas. A Convenção assume que as crianças, por si mesmas, podem ir assumindo responsabilidades segundo suas possibilidades e capacidades. Reconhece a criança como sujeito de direito e ator social.

Art.19 da CDC: Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas apropriadas para proteger a criança contra toda forma de prejuízo ou abuso físico ou mental, descuido ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, incluindo o abuso sexual, quando estiver sob a guarda dos pais, do representante legal ou qualquer outra pessoa responsável por ela.



Movimento internacional pelo fim dos castigos físicos e humilhantes

Em 2001, durante a Comissão sobre os Direitos Humanos em Genebra, foi lançada a Iniciativa Global para Acabar com Toda Forma de Castigo Físico Contra Meninos e Meninas.

A Iniciativa Global é uma aliança entre organizações de defesa multilateral dos direitos humanos, ONGs e indivíduos-chave que atua na implementação da Convenção sobre os Direitos das Crianças. Acredita que acabar com os castigos físicos e humilhantes é fundamental para melhorar a situação das crianças e tornar realidade seu direito ao respeito à sua dignidade humana e integridade física e a sua igual proteção perante a lei. Ela tem como objetivos:

- Disseminar uma campanha informativa e educativa para promover formas não-violentas de educar as crianças;
- Formar uma sólida aliança com as agências de Direitos Humanos, indivíduos chave e organismos não governamentais que se mostram contra os castigos;
- Dar visibilidade aos castigos físicos contra crianças, através da construção de um mapa global sobre sua prevalência e legalidade, assegurando que os pontos de vista das crianças sejam escutados e fazendo uma lista sobre os progressos para a erradicação dos castigos físicos;

- Pressionar os Estados de forma sistemática com o objetivo de garantir que se proibam todas as formas de castigos físicos e humilhantes e se desenvolvam programas de educação pública;
- Prover detalhada (ou qualificada) assistência técnica com o objetivo de apoiar os Estados em suas reformas.

A partir do estudo do Secretário-Geral da ONU sobre a violência contra a criança, que determinou o ano de 2009 como data limite para a proibição de todo tipo de castigo físico contra crianças, acelerou-se o processo universal de Reforma Legal. Crianças e adolescentes são cada vez mais considerados como sujeitos de direitos cuja proteção pela lei deve ser igual, ou mesmo superior, à dos adultos. No entanto, a resistência à proibição do castigo físico em casa ainda é importante, e embora este tipo de punição tenha sido proibido em vários contextos, apenas um número reduzido de países decidiu eliminá-lo do âmbito familiar.

Portanto, a Iniciativa Global recomenda as seguintes medidas a todos os Estados que desejam participar do movimento global de proibição do castigo físico e humilhante:

- Proibição explícita de todos os tipos de violência contra a criança.
- Criação de programas de conscientização para despertar o interesse do grande público para o problema dos castigos físicos e humilhantes e sua necessária eliminação.

- Envolvimento das próprias crianças no processo de elaboração de estratégias de eliminação dos castigos físicos e humilhantes.
- Desenvolvimento de estudos e pesquisas quantitativos e qualitativos para melhor compreender as dimensões do problema da violência contra a criança, incluindo entrevistas confidenciais com as famílias e as vítimas de castigo físico.
- Reforma das instituições públicas e privadas de abrigo e cuidado aonde o uso de castigo físico for detectado.

Para saber mais, acessar www.endcorporalpunishment.org

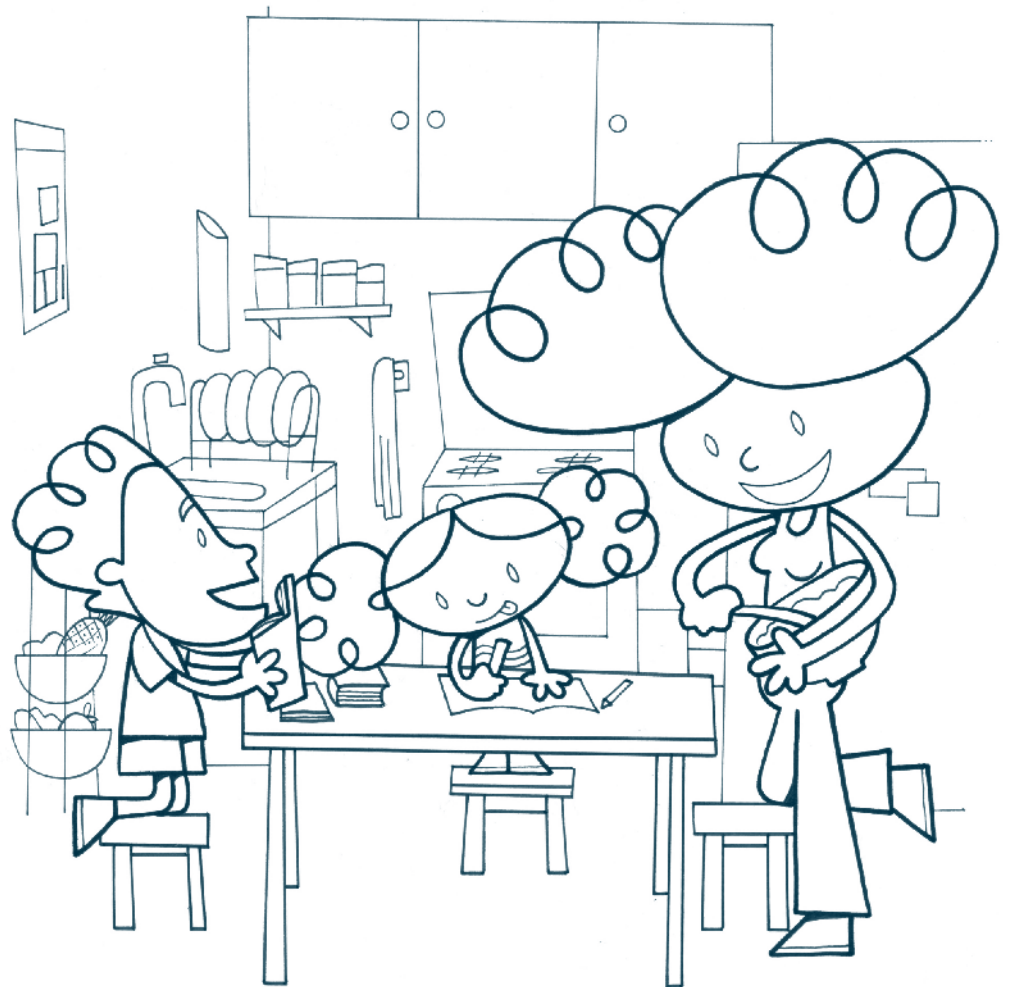
Movimento pelo fim dos castigos físicos e humilhantes no Brasil

Acompanhando o movimento internacional, a sociedade brasileira tem realizado muitos esforços pelo fim dos castigos físicos e humilhantes. Uma iniciativa é a Rede Não Bata, Eduque, movimento social que tem como objetivo erradicar os castigos físicos e humilhantes e estimular uma relação familiar respeitosa que garanta o direito das crianças à integridade física e psicológica e a seu pleno desenvolvimento como ser humano e como cidadão.

Com a missão de contribuir para o fim da prática dos castigos físicos e humilhantes, seja no meio familiar, escolar ou comunitário, a Rede tem os seguintes objetivos:

- Estabelecer bases para uma campanha de longo prazo por meio de parcerias estabelecidas com instituições do setor governamental, organizações da sociedade civil e setor privado;
- Influenciar a opinião pública por meio de campanhas permanentes e programas direcionados para pais e cuidadores, com foco na educação infantil baseada no diálogo, na compreensão e no afeto;
- Influenciar a elaboração de políticas públicas e de normas legais que protejam integralmente os direitos de crianças e adolescentes;
- Promover a participação de crianças e adolescentes nas ações da Rede;
- Chamar a atenção de órgãos governamentais para a necessidade de criar, ou melhorar as bases formais e informais de apoio às famílias de modo que possam exercer com qualidade a educação e criação de seus filhos.

Para saber mais sobre a Rede Não Bata, Eduque acessar www.naobataeduque.org.br



02

COMO UTILIZAR AS ATIVIDADES DESTE MANUAL?

As atividades são organizadas em formato de oficinas de modo a facilitar o seu entendimento e a sua realização. Cada uma compreende os seguintes itens:

Objetivo

Descrição da informação específica, das reflexões e habilidades que serão adquiridas na atividade. Sugerimos que o(a) facilitador(a) compartilhe a proposta com os participantes no início de cada atividade.

Materiais necessários

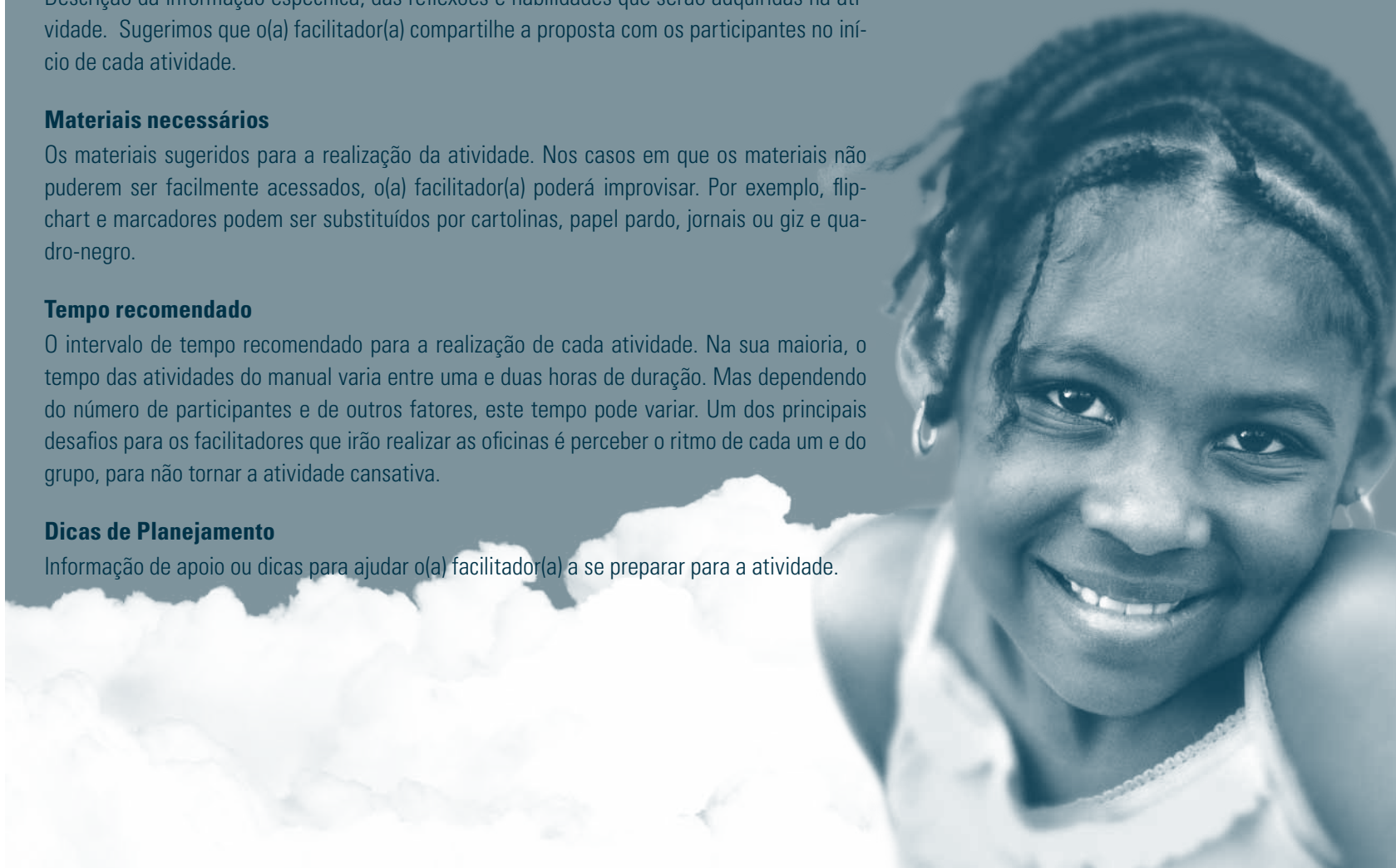
Os materiais sugeridos para a realização da atividade. Nos casos em que os materiais não puderem ser facilmente acessados, o(a) facilitador(a) poderá improvisar. Por exemplo, flip-chart e marcadores podem ser substituídos por cartolinas, papel pardo, jornais ou giz e quadro-negro.

Tempo recomendado

O intervalo de tempo recomendado para a realização de cada atividade. Na sua maioria, o tempo das atividades do manual varia entre uma e duas horas de duração. Mas dependendo do número de participantes e de outros fatores, este tempo pode variar. Um dos principais desafios para os facilitadores que irão realizar as oficinas é perceber o ritmo de cada um e do grupo, para não tornar a atividade cansativa.

Dicas de Planejamento

Informação de apoio ou dicas para ajudar o(a) facilitador(a) a se preparar para a atividade.



Procedimento

As etapas para a realização da atividade. De modo geral, as atividades são redigidas para serem facilmente adaptáveis a grupos com diferentes níveis de domínio de leitura e de escrita, mas o(a) facilitador(a) deve estar atento para avaliar se as etapas são factíveis e apropriadas para os participantes. Por exemplo, quando o procedimento exige a leitura de um texto, o facilitador pode optar por ler o texto em voz alta.

Perguntas para discussão

Servem para estimular o diálogo no grupo. São apenas sugestões de perguntas que deverão ser complementadas pelo facilitador a partir das reflexões que surgiram entre os participantes.

Encerramento

Fornece os principais pontos ou mensagens da atividade.

Folhas de Apoio

Contêm ferramentas que complementam as atividades.

Sobre o papel do facilitador

Acreditamos que o papel do facilitador é de promover um ambiente seguro, que explore as idéias e permita as trocas entre os participantes durante as atividades, respeitando também os limites de cada um. O resultado do trabalho deve ser ajudar o grupo a organizar suas idéias e a refletir um pouco mais sobre um determinado tema, a partir de suas próprias vivências e das experiências dos outros participantes do grupo. É importante que os participantes se sintam a vontade. Para isso, contribui muito que o facilitador seja entusiasta, simpático, bem humorado e sintase confortável com os temas das discussões.

A postura do facilitador é fundamental para atrair a atenção e a confiança dos participantes. Pais, mães e cuidadores têm diferentes crenças sobre a educação das crianças, muitas vezes baseadas na forma como eles próprios foram educados ou em noções tradicionais de disciplina e muitas vezes mostram resistência em falar abertamente sobre o assunto ou mesmo questionar as suas atitudes. Cabe ao facilitador, portanto, acolher essas experiências e valorizá-las, compreendendo que o tema dos castigos físicos e humilhantes é uma questão delicada e complexa para as famílias.

Sabemos que a prática dos castigos físicos e humilhantes é disseminada em nossa sociedade e que muitas vezes os pais não os reconhecem como uma violência ou mesmo uma violação de direitos das crianças. Por isso, é fundamental que o facilitador tenha clareza sobre a abordagem que estamos propondo neste manual, de nunca culpabilizar as famílias e sim, criar um ambiente acolhedor, favorável à sensibilização e reflexão, para que os participantes possam expor seus conflitos, angústias, dúvidas e crenças...

O facilitador deve sempre acreditar na capacidade de mudança, no potencial transformador da troca que acontece em grupo, quando uma pessoa entra em contato com a experiência e os conhecimentos de seus pares.

Quando os grupos são mistos, ou seja, formados por homens e mulheres, é preciso considerar que os homens, na maioria das vezes, não estão acostumados a participar destes espaços e encontros, tradicionalmente dirigidos para o público feminino. Neste caso, é importante que o facilitador esteja sensível para perceber as interações no grupo e promover um ambiente equitativo, em que os homens e as mulheres sintam-se a vontade para falar e se expressar.



Facilitadores homens ou mulheres?

Quem deve facilitar os grupos formados somente por mulheres? E os grupos formados por homens? E quando os grupos são mistos? Nossa experiência sugere que a qualidade do facilitador – a habilidade em conduzir o grupo, empatia, flexibilidade, escuta sensível e atenta e uma postura equitativa em relação a homens e mulheres – é mais importante do que o seu sexo. É interessante que o facilitador saiba usar as diferenças como dispositivo para reflexão e promover um ambiente de troca no grupo. De qualquer forma, sugerimos que, sempre que possível, os grupos sejam facilitados por uma dupla de facilitadores e, sendo um homem e uma mulher, pode enriquecer o processo em grupo.

Outro aspecto que normalmente é levantado sobre o perfil do facilitador é se ele deve ou não ter filhos para trabalhar com pais, mães e cuidadores. Percebemos que pode ser mais fácil para o facilitador criar empatia com o grupo quando ele compartilha das experiências trazidas pelo grupo em relação aos cuidados dos filhos. Contudo, este não é um critério determinante nem excludente, uma vez que o facilitador tenha interesse, desejo e sinta-se confortável para tratar destas questões em grupo.

Sobre o espaço físico para a realização das atividades

- Deve-se usar um espaço adequado para o trabalho com os adultos, propiciando que as atividades sejam realizadas sem restrição da sua movimentação.
- É interessante que haja, sempre que possível, a presença de dois facilitadores.
- É interessante verificar a capacidade do espaço para acolher as crianças, como por exemplo, uma sala ao lado ou outro ambiente separado do grupo de adultos. Muitas vezes os pais, mães e cuidadores levam as crianças para o encontro e nestes casos, é importante que elas possam permanecer em um ambiente propício, com alguém responsável durante o tempo de duração do encontro. É recomendado que as crianças não participem dos grupos, porque além dos conteúdos tratados não serem apropriados para crianças, os adultos não ficam a vontade e não conseguem se concentrar na discussão.

Número de participantes

As atividades deste manual foram desenvolvidas e testadas com grupos de 15 a 20 participantes. Nossa experiência demonstra que é bastante proveitoso o uso desse material com grupos formados por 15 a 20 participantes. No entanto, o facilitador também pode usar as técnicas descritas para grupos maiores ou menores.

Grupo de discussão não é grupo terapêutico

- Não sugerimos o uso destas técnicas como terapia grupal.
- Os grupos e a utilização das técnicas devem ser vistos como parte de um processo de reflexão e educação participativa.
- A proposta deste tipo de intervenção é a de propiciar reflexões e mudanças de atitudes.
- O trabalho deve ir se aprofundando, atendendo sempre para ir além de um possível “discurso politicamente correto”.
- Os pontos de discussão, sugeridos nas técnicas apresentadas, não precisam ser usados necessariamente no final, mas podem ser utilizadas durante a execução das mesmas, conforme o facilitador acredite que seja mais apropriado.

Algumas questões éticas

- Deve-se proporcionar um ambiente livre, respeitoso, onde não haja julgamentos ou críticas a priori das atitudes, falas ou posturas dos participantes.
- Situações de conflito podem acontecer. Cabe aos facilitadores intervir tentando estabelecer um consenso e respeito à diferença de opiniões.
- Muitas atividades incluídas neste manual tratam de temas pessoais profundos e complexos como a promoção da convivência, a sexualidade e a saúde mental. Nós recomendamos que estas atividades sejam facilitadas por pessoas que se sintam confortáveis em trabalhar com estes temas, que

tenham experiência de trabalho com pais, mães e/ou cuidadores e que tenham suporte de suas organizações e/ou de outros adultos para executar tais atividades.

- Reconhecemos que aplicar estas atividades não é sempre uma tarefa fácil e nem sempre previsível. Os temas são complexos e sensíveis – violência, sexualidade, relações de poder, educação. Pode haver grupos onde os participantes se abram e se expressem profundamente durante o processo, assim como outros que não queiram falar.
- Algumas das oficinas propostas envolvem atividades que demandam que os participantes saibam ler ou escrever. Entendendo que nem todos têm essa capacidade, aconselhamos o facilitador a identificar a existência de pessoas com esse perfil e em caso positivo adaptar a dinâmica de forma a não causar constrangimento a nenhum dos participantes.
- É bom lembrar que nem sempre o contato físico é fácil para todos. Atividades que exijam toque físico podem e devem ser colocadas com alternativas de participação ou não, respeitando os limites de cada um.

Quando há suspeita de abuso ou outras formas de violência

Em caso de suspeita de abuso ou outras formas de violência, sugere-se que o facilitador pesquise os serviços disponíveis na comunidade para que possa fazer o encaminhamento adequado para cada caso. É uma questão delicada e deve ser encaminhada aos profis-

sionais e serviços competentes. Ao tentar resolver sozinho, o facilitador pode contribuir para a manutenção da situação de violência identificada.

Quando a suspeita for em relação a qualquer tipo de violação de direitos e/ou violência contra criança ou adolescente, você deve procurar o Conselho Tutelar de sua cidade, uma Delegacia Especializada em Crimes contra Crianças e Adolescentes (caso exista) ou ligar para o “disque 100” (basta ligar 100 de qualquer parte do Brasil).

Nos dois primeiros casos as denúncias podem ser feitas por escrito, por telefone ou pessoalmente. Não há necessidade de se identificar. Mas, para que a denúncia seja checada, é preciso informar a ameaça, além do nome e do endereço das vítimas. Em geral dois conselheiros tutelares são destacados para acompanhar o caso. A apuração envolve visitas, que podem ou não serem marcadas e, geralmente, conta com a ajuda de um psicólogo, médico, assistente social. Em casos extremos um policial militar também pode acompanhar os conselheiros.

Quando a suspeita for de violência contra mulher, você pode ligar para o 180 (Central de Atendimento à Mulher) para fazer uma denúncia ou pedir orientações. Também é importante que você tenha acesso ao guia de serviços que atendem mulheres em situação de violência na sua cidade.

ATIVIDADES DE AQUECIMENTO

Uma das tarefas mais importantes para um trabalho que propõe a troca de opiniões entre os participantes é a integração do grupo. Em primeiro lugar é importante que os participantes sejam apresentados para que se sintam mais a vontade para expor suas idéias e opiniões. A utilização de dinâmicas e jogos de apresentação auxilia na descontração do grupo e aumenta sua confiança.

Atividades de aquecimento e pequenos intervalos também auxiliam na integração dos participantes e ajudam a retomar a concentração. Os adultos, muitas vezes, não têm experiência de trabalhos em grupo e mostram-se resistentes ou intimidados, num primeiro momento, a exporem suas idéias e opiniões.

Assim como a técnica utilizada para promover determinada reflexão, o aquecimento do grupo também tem um propósito. Estas atividades favorecem que os participantes esqueçam momentaneamente o que está à sua volta, as preocupações e tensões com as quais chegaram no encontro, auxiliando na mudança de ritmo, relaxando, aquecendo e sensibilizando o grupo. Para isso, o facilitador deve ter a atenção focada em como os participantes estão se sentindo naquele momento, para poder dar continuidade as discussões.



EXEMPLO: Aquecendo o grupo e estabelecendo regras de convivência²

Objetivo: Tornar o clima do grupo mais informal, conhecer as expectativas de cada participante, estabelecer algumas regras de convivência.

Materiais necessários: Folhas grandes de papel; fita adesiva; canetas de ponta grossa.

Tempo Recomendado: 1h e 30 minutos

Procedimento

1. Peça que os participantes fiquem de pé e façam um círculo.
2. Explique que vai ser feito um jogo onde cada pessoa vai simular que joga para a outra uma palavra sobre uma atitude ou um sentimento que os adultos têm em relação às crianças.
3. Uma pessoa começa jogando a palavra para outra dizendo para quem é e que palavra é. Imediatamente a pessoa que recebe deve fingir que pegou a palavra, gesticular como se a estivesse transformando em outra palavra e enviá-la para outra pessoa, sempre dizendo o nome de quem vai receber e a palavra que está recebendo.
4. O jogo prossegue até que todos tenham enviado e recebido sua palavra.
5. Solicite que todos se sentem, digam seu nome e o que esperam desta capacitação.
6. Escreva no quadro quais as expectativas que o grupo tem, discuta-as apontando quais serão atendidas e apresente a proposta da capacitação, seus objetivos, duração, horários etc.
7. Em seguida, peça aos participantes que façam grupos de até cinco pessoas e que elejam um relator.
8. Distribua duas folhas e solicite que em uma delas se escreva: GOSTAMOS. Na outra folha, peça que escrevam: NÃO GOSTAMOS
9. Explique que cada grupo deverá discutir primeira-mente quais as coisas que mais gosta quando trabalha em grupo. O relator deve ir escrevendo, na folha do GOSTAMOS, em forma de palavras-chave, o que as pessoas falarem.
10. Conforme os grupos forem terminando, peça que façam a mesma coisa em relação às coisas que não gostam no trabalho em grupo.
11. Quando todos terminarem, fixe uma folha de papel grande na parede com a palavra GOSTAMOS e peça que cada relator leia as conclusões de seu grupo. Anote as palavras-chave sem repeti-las.
12. Quando todos os grupos tiverem suas conclusões anotadas, leia todas as palavras em voz alta e sugira que, em conjunto, se faça uma frase sobre porque é bom se trabalhar em grupo. Anote a frase em outra folha.
13. Em seguida, na folha do NÃO GOSTAMOS, utilize a mesma dinâmica em relação aos pontos levantados, mas, em vez da frase final, faça, em conjunto com os participantes, uma lista com as regras necessárias para que a convivência entre o grupo seja agradável e respeitosa.
14. Deixe na parede a frase sobre por que é bom se trabalhar em grupo e o contrato de convivência.

Perguntas para discussão

- O que é um grupo?
- Na opinião de vocês é melhor se trabalhar sozinho ou em grupo? Por quê?
- É importante se estabelecer um contrato de convivência ao se iniciar um grupo de trabalho? Por quê?
- Quais os outros grupos que fazem parte da nossa vida? Que contratos de convivência nós temos com eles? Este contrato foi discutido ou se supõe que exista?

² Retirado de Promundo e CIESPI. Cuidar sem violência todo mundo pode: guia prático para famílias e comunidades. Rio de Janeiro, 2003, p.32-33

Encerramento:

- Lembre aos participantes que um grupo é formado por um conjunto de pessoas com características próprias, interagindo e se integrando e em constante transformação. Enfatize que, para um grupo funcionar bem, é preciso que as pessoas respeitem as opiniões umas das outras e que, mesmo discordando, devem ouvir até o final antes de argumentarem contra. É importante evitar atitudes agressivas ou irônicas.
- É preciso ter sempre em mente que trabalhar em grupo é uma oportunidade de aprendizagem, uma possibilidade de trocar experiências e aprimorar a relação com pessoas diferentes, uma chance de lidar com os conflitos e aprender a resolvê-los.
- Estabelecer um contrato logo de início é importante para se garantir alguns princípios fundamentais para uma convivência que seja ao mesmo tempo respeitosa, democrática e prazerosa.





BLOCO 1: FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

A socialização é um processo que se inicia desde o nascimento, a partir de mensagens, valores, pressões e limites que recebemos através de nossa educação. Muitas vezes, o que aprendemos através do nosso processo de socialização é tomado como natural e deixamos de refletir e questionar sua lógica.

O primeiro papel social que aprendemos é o de filho ou filha. A família é o contexto onde desenvolvemos nosso primeiro aprendizado dos papéis sociais e de gênero. O modo como os pais, mães e cuidadores auxiliam a criança em sua socialização influenciará a imagem que ela construirá de si mesma, sua autoconfiança, auto-estima e, de maneira geral, sua personalidade.

É junto à família que a criança aprende a respeitar e assimilar as regras sociais. É a partir dela e com ela que a criança se constitui como sujeito e também passa a exercer sua influência no meio em que vive. Desse modo, a família tem papel essencial junto ao desenvolvimento da socialização da criança, ajudando-a na relação com o mundo e conduzindo-a em direção à autonomia e à independência.

Há famílias cuja submissão e aceitação dos valores e controle dos pais são naturalizadas e legitimadas, ou seja, consideradas naturais e necessárias. Nestas famílias percebemos uma maior adesão aos modelos dominantes e estereotipados de gênero e de relações desiguais e opressoras. A violência, muitas vezes, é banalizada e minimizada, quando não passa a ser negada, absorvida como algo natural à dinâmica familiar e que não poderia ser evitado. Esse contexto contribui para a produção de crianças submissas, futuros cidadãos sem voz que também transferem essa forma de relação para outras esferas da sua vida.

Deste modo, por entendermos que a família é um espaço privilegiado para o processo de socialização da criança na primeira seção do manual, nosso propósito é trazer uma reflexão sobre os papéis e responsabilidades dos pais, mães e cuidadores, com o intuito de criar oportunidades para repensar práticas, atitudes e idéias tradicionalmente estabelecidas, que favorecem o estabelecimento de ambientes violentos e desfavoráveis ao desenvolvimento das crianças.

TÉCNICA 1: Pessoas e Coisas

Objetivo: Facilitar o reconhecimento da existência de relações de poder e seu impacto sobre os indivíduos e seus relacionamentos.

Materiais necessários: nenhum

Tempo recomendado: 1 hora

Dicas de Planejamento: Alguns participantes podem se sentir pouco a vontade em relação ao papel que devem desempenhar nesta atividade. É importante que o facilitador esteja atento a como os participantes reagem ao assumirem o papel de “pessoas” ou “coisas”, e esteja preparado para fazer as acomodações ou mudanças necessárias. Por exemplo, em vez de preparar os participantes para o desenvolvimento dos seus papéis, o facilitador pode propor que discutam em duplas como as “pessoas” deveriam tratar as “coisas” e quais sentimentos isso poderia gerar nas “pessoas” e nas “coisas”. O facilitador deverá estar preparado para fazer referências a serviços de aconselhamento ou outros serviços de apoio, para os participantes que eventualmente se sentirem afetados por essa atividade.

Procedimento

1. Divida o grupo em dois com uma linha imaginária. Cada lado deve ter um número igual de participantes.
2. Informe que o nome da atividade é: Coisas e Pessoas. Escolha, aleatoriamente, um grupo para serem as “coisas” e o outro, as “pessoas”.
3. Leia as regras para cada grupo:
 - 3.1. COISAS: As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, têm que fazer aquilo que as pessoas lhes ordenam sem questionar. Se uma coisa quer se mover ou fazer qualquer coisa, tem que pedir permissão à pessoa.
 - 3.2. PESSOAS: As pessoas pensam, podem tomar decisões, têm sexualidade, sentem e, além disso, podem pegar as “coisas” e fazerem o que quiserem com elas.
4. Peça para o grupo das “pessoas” pegarem as “coisas” e fazer com elas o que quiserem durante 5 minutos.
5. Ao final do tempo estipulado, solicite aos grupos que regressem aos seus lugares.

Perguntas para discussão

- Para os que fizeram papel de “coisa”: Como sua “pessoa” tratou você? O que sentiram? Por quê?
- Para os que fizeram papel de “pessoa”: Como foi possuir uma “coisa”? O que sentiram? Por quê?

- Qual a relação que esse exercício tem com nossa vida?
- Já fomos tratados como coisas? Como nos sentimos?
- Uma criança costuma ser tratada como “coisa”? Em que momentos?
- Que impactos vocês acham que esse tratamento pode ter na vida de crianças e adultos que sofrem esse tipo de atitude?
- O que poderíamos fazer para mudar essa situação?

Encerramento

Explore os sentimentos experimentados pelas pessoas que foram “coisas” e os momentos em que elas se sentiram assim em suas vidas: como isso se deu, o que aconteceu, como gostariam que tivesse acontecido.

Procure relacionar com os sentimentos que as crianças experimentam quando são tratadas como coisas e como muitas vezes elas nem podem se colocar e se defender como pode acontecer numa situação entre dois adultos.

Explore os sentimentos trazidos pelos participantes de quando foram tratados como coisas quando eram crianças primeiramente, antes de relacionar com os sentimentos possíveis que são vivenciados pelos filhos dos participantes quando eles são tratados como coisas.

Explore como poderíamos mudar esta atitude de abuso de poder nas nossas relações (incluindo com outros adultos na família, não somente com a criança).





TÉCNICA 2: Vídeo “Era uma vez outra família”³

Objetivos: Discutir as crenças, opiniões e atitudes que os adultos apresentam diante do castigo físico e humilhante usado como medida disciplinar e educativa.

Materiais necessários: televisão, aparelho dvd, o vídeo “Era uma vez uma Família”, flip-chart, marcadores.

Tempo recomendado: 1 hora

Dicas de planejamento: Você pode usar o vídeo de diversas formas, dependendo da sua inspiração e dos recursos que possui. O vídeo atrai a audiência, facilita a introdução do assunto, aproxima o tema do cotidiano das pessoas, motiva, estimula e informa, ao mesmo tempo em que entretém.

Para melhor se preparar, sugerimos que o facilitador assista ao vídeo antes e veja se é adequado à situação e ao seu público. Anote os trechos mais importantes. Faça uma lista dos principais temas para discutir com o grupo. Prepare-se para a sessão: complemente as informações indicadas pelo vídeo, pesquise mais sobre o assunto, traga o tema para o cotidiano do seu público. Dependendo do tempo destinado a atividade, prepare um pequeno roteiro para a discussão após exibir o vídeo, ou uma dinâmica de trabalho em grupo. Procure fazer com que o maior número de pessoas se envolva na discussão. Uma boa estratégia é dividir o grupo em duplas ou trios, para um primeiro diálogo, antes de abrir ao grupo maior.

Por fim, confira se o equipamento necessário para a exibição (televisão, vídeo, tomadas, extensão, benjamim etc.) está disponível e funcionando bem.

Nota sobre o vídeo

O que é: Um desenho animado sem palavras. Recomendado para facilitadores que buscam uma ferramenta lúdica e inovadora para promover discussões com pais, mães e cuidadores sobre a educação de crianças, através da promoção da sua participação, dos seus direitos e de seu desenvolvimento.

Sinopse: O vídeo apresenta a história de uma família e os desafios cotidianos que pais e cuidadores enfrentam na criação e educação de crianças. O vídeo propõe uma reflexão crítica sobre o castigo físico e humilhante e nos convida a olhar a criança como um sujeito de direitos. Para isso, a história de “Era uma vez uma família” aborda vários aspectos que envolvem a educação de crianças de diferentes idades: como estabelecer limites, como lidar com o estresse do dia-a-dia e como atender às necessidades das crianças de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e físico promovendo a sua participação nesse processo.

Duração: 22 minutos

Número de participantes: Para estimular a discussão sobre o vídeo, deve-se trabalhar em um grupo de 7 a 20 pessoas. Sugerimos que os grupos com mais de 20 pessoas possam ser divididos em grupos menores no momento da discussão e, caso haja interesse, abre-se posteriormente um debate mais amplo.

³ Este vídeo é uma realização do Promundo e com o apoio da Save the Children Suécia e em colaboração com a Aliança H, Fundação Xuxa Meneghel e Bernard van Leer Foundation. Produzido pela Jah Comunicação. Para conhecer o vídeo, visite o canal do Promundo no You Tube: www.youtube.com/user/Promundo

Procedimento

1. Comente com os participantes apenas que assistirão ao vídeo “Era uma vez uma família”, com duração de 22 minutos, no qual é narrada a história de uma família.
2. Evite expor seus julgamentos. Nunca dê sua interpretação no início. É muito importante que cada participante expresse sua opinião.
3. Somente após uma primeira “rodada” de opiniões, informe o tema central e os objetivos, abrindo margem para novas discussões.

Depois de assistirem ao vídeo, pergunte ao grupo que temas apareceram ou se destacaram. Escreva-os no flip-chart. Se for necessário, passe o vídeo mais uma vez para a melhor compreensão do conteúdo. Se você não tiver tempo suficiente ou considerar que é mais rico aprofundar algum tema específico, pode selecionar cenas específicas ou um conjunto delas.

Discuta com o grupo quais foram as impressões, ficando atento às correlações que cada participante faz com sua própria vida e experiências.

Perguntas para discussão

O dvd “Era uma vez uma família” vem acompanhado de um Guia de Discussão que contém diversas sugestões de perguntas para animar a discussão.

Destacamos algumas a seguir

1. Como era a família? É comum ver famílias com a composição do vídeo na sua comunidade? (Reconstituída, pais separados, filhos de mais de um casamento?) É comum ver mães que cuidam sozinhas dos filhos? E pais?
2. Vocês acham que menino e menina têm que ser educados de maneiras diferentes ou da mesma forma?
3. Vocês acham que homens e mulheres educam da mesma forma?
4. E como é ter filhos de idades diferentes? A educação é a mesma? As preocupações são as mesmas? Os conflitos são os mesmos ou são diferentes?
5. E a participação da avó na educação das crianças, como vocês percebem? É possível alguém que não está dentro da situação ajudar a educar?
6. Como é cuidar de filhos pequenos? Na cena em que leva a criança para a escola, a mãe parece estar totalmente desconectada da filha, é quase “automático”. Alguém se reconhece nessa cena?
7. Será que às vezes as pessoas tratam os filhos como “coisas” em vez de “pessoas”? Vocês acham que filho “tem querer”? Como lidamos com os “quereres” de nossos filhos? Quando vocês eram crianças, vocês tinham “quereres”? E como eram tratados?

8. E na cena em que o chefe grita com o pai no trabalho? Como é ter alguém gritando conosco? Como nos sentimos quando não somos ouvidos? Como gostaríamos de ser tratados?
9. Vocês acham normal uma criança nessa fase brincar com o que vê pela frente, com o que é colorido? Isso é parte da curiosidade da idade, é natural? Ou merece ser repreendido com “umas palmadas”? Vocês acham que devemos incentivar a curiosidade da criança ou reprimir, brigar?
10. Vocês acham que as crianças imitam os adultos? Que exemplos damos a nossos filhos?
11. Vocês acham que os pais usam violência no sentido de proteger os filhos?
12. Quantas vezes brigamos com nossos filhos sem perguntar o que está acontecendo, como estão se sentindo? E como é quando alguém briga conosco sem perguntar o que está acontecendo antes? Como pode ser diferente?
13. Como nos sentimos quando queremos proteger nossos filhos do perigo? Você já bateu com a intenção de proteger seu filho (a)? Você acha que bater, gritar, aproxima ou afasta seu filho de você? Será que é possível estabelecer outro tipo de relação, de diálogo? Alguém no grupo tem uma relação diferente? Como faz?
14. Em que tipos de assuntos uma criança pode participar? O que faz vocês considerarem que a criança é apta a participar de uma negociação e não de outra?



15. Como a criança poderia iniciar a sua participação na tomada de decisões junto com os pais? Isso é bom para ela e para a família?
16. Ouvir o que a criança tem a dizer sobre um determinado assunto é importante?

Encerramento

Convidar os participantes a começarem a observar como eles se relacionam com seus filhos a partir do que foi vivenciado e que ficou marcante com a dinâmica “Pessoas e Coisas” e o vídeo.

TÉCNICA 3: Pais perfeitos, mães perfeitas⁴

Objetivos: Refletir sobre o que é ser pai ou mãe. Refletir sobre o papel socializador da família, sua importância na hora de promover o desenvolvimento socioafetivo da criança. Refletir também sobre a divisão dos papéis sexuais nas famílias.

Materiais necessários: Cartões com os nomes das pessoas ou os papéis a representar (filho, filha, pai, etc.). Folhas brancas, lápis ou canetas, canetas de diferentes cores, durex.

Tempo recomendado: 1 hora a 1 hora e 30 minutos.

Dicas de planejamento: Esta atividade exige que o(a) facilitador(a) tenha domínio sobre os seguintes conteúdos: família como

agente socializador; práticas parentais, conceito de gênero e divisão de papéis sexuais nas famílias. Caso o facilitador não conheça a comunidade onde irá trabalhar, averiguar previamente, se for possível, as características predominantes das famílias (mães que ficam em casa, mães solteiras, mães que trabalham fora, avós e avôs criando os netos, pais solteiros, etc.).

Procedimento

1. Diga que farão uma representação de uma família. Para isso necessitarão:
 - de voluntários e voluntárias, podendo ser a partir de 3 pessoas;
 - levar em consideração a comunidade em que se está trabalhando (averiguar discretamente, caso não esteja familiarizado (a), como estão integradas as famílias nesse lugar - famílias extensas, nucleares, mães solteiras, etc). Motive-os a participar;
 - dizer que levem em consideração as famílias da comunidade porque é preciso que a representação seja o mais fiel possível à realidade dos participantes.
2. Peça às pessoas que participarem, que o acompanhem (saia do espaço onde se desenvolve a atividade) e indique que haverá uma dramatização sobre uma família. Entregue folhas brancas, canetas e durex. Caso queiram assumir um nome fictício, que o anotem e coloquem à sua frente. A idéia é que cada um tenha um nome e caso queiram, ao invés de um nome

fictício, anotem em uma folha de papel o que irão representar: irmão, irmã, avó, tio, pai, mãe... dependendo do que decidirem em grupo.

Peça aos participantes deixarem claros os papéis que representarão cada um deles na educação e formação das crianças.

3. Peça ao resto dos participantes que prestem atenção e observem seus companheiros e companheiras na dramatização, anotando dúvidas e comentários sobre tudo, ficando atentos ao papel que cada um dos integrantes da família representa.
4. Uma vez finalizada a dramatização, inicie a discussão em todo o grupo. Pode-se iniciar com as seguintes perguntas:
 - O que acharam da dramatização?
 - Como se sentiram?
 - Algo não ficou claro?
5. Durante a discussão, leve os participantes a refletirem sobre o papel que cada integrante da família representou. Pergunte:
 - O que é ser pai?
 - O que é ser mãe?
 - O que é ser filho ou filha?
 - Quais são as responsabilidades de cada um (a)?
 - O crescimento do seu filho provoca mudança/adaptação no seu jeito de ser pai e/ou mãe?
 - Vocês acreditam que às vezes as crianças se parecem com seus pais e mães?

⁴ Manual “Lucha contra el castigo físico en la familia: manual para la formación” y las recomendaciones de los grupos que participaron en su validación, Costa Rica, 2003. Atividade adaptada por María Luz Gutiérrez para o uso desse Manual.

Esta última pergunta permite discutir as contradições que às vezes acontecem quando pais e mães esperam que seus filhos/filhas façam o que eles (pais) querem, além de permitir refletir como, em muitas ocasiões, os filhos (as) se parecem com seu pai ou com sua mãe e como é exatamente isso que eles (pais) não gostam.

6. Discutir sobre a criança e a educação dos filhos (as).

- Quais são as idéias que os pais possuem sobre seu papel de educador dentro da família?

A intenção é iniciar o debate sobre certas atitudes e comportamentos que pais e mães têm e que afetam seus filhos. O tipo de situação particular e a profundidade da análise dependerão, em certa medida, da capacidade de estímulo do facilitador e das características do grupo de mães e pais.

Encerramento

A sessão pode ser finalizada com uma síntese onde o facilitador assinale os temas mais importantes surgidos e suas implicações, tanto para o exercício da paternidade ou maternidade, como seus efeitos no desenvolvimento da infância e adolescência.





TÉCNICA 4: A Árvore dos Gêneros

Objetivo: Proporcionar uma reflexão sobre o conceito de gênero e discutir não só a forma como o masculino e o feminino são construídos por meio da socialização primária e secundária, mas também o papel das instituições na garantia da equidade e na diminuição da desigualdade entre os gêneros.

Materiais necessários: Tiras de papel; canetas hidrográficas; fita adesiva; cartaz com desenho de uma árvore com raiz aparente, tronco e galhos, com aproximadamente 1,50m de altura, texto “Gênero: o que é isso?” para todos (opcional).

Tempo recomendado: 1 hora

Dicas de Planejamento: Caso haja participantes com dificuldades de leitura e escrita, adapte a atividade para que ela seja realizada oralmente. É importante que os participantes não se sintam constrangidos ou deixem de participar por não saberem ler ou escrever.

Procedimento

1. Cole o cartaz com a árvore na parede.
2. Divida os participantes em quatro grupos e peça que façam uma lista com todas as informações que são passadas para as crianças sobre ser menino e ser menina. Por exemplo: “menino não chora” e “menina tem que sentar de perna fechada”.

3. Distribua tiras de papel e peça que escrevam cada informação em uma tira. Quando terminarem, cada grupo deve fixar suas tiras na raiz da árvore. As relacionadas aos meninos do lado esquerdo e as referentes às meninas do lado direito.
4. Peça que reflitam sobre quem costuma dar essas informações para as crianças (família, escola, sociedade, religião e mídia) e depois que escrevam essas observações em novas tiras de papel e colem no tronco da árvore.
5. Proponha uma reflexão sobre os adultos, homens e mulheres, criada sob essas orientações: quais seriam suas características psicológicas, suas tendências profissionais, seu comportamento em relação à sexualidade e afetividade? Os resultados dessa reflexão deverão ser escritos em tiras que serão coladas na árvore como frutos.
6. Quando terminarem, leia de cima para baixo as respostas que foram dadas para meninos e meninas e pergunte aos participantes a que conclusões podem chegar observando esta árvore.

Perguntas para discussão

- O que é ser homem?
- O que é ser mulher?
- Quais são as mensagens que a família passa para uma menina sobre o fato dela ser mulher?
- Quais são as mensagens que a família passa para um menino sobre o fato dele ser homem?

- Quais as características das mulheres que são naturais? Quais as aprendidas?
- Quais as características dos homens que são naturais? Quais as aprendidas?
- Em nosso país, as mulheres e os homens têm os mesmos direitos? Esses direitos são respeitados?

Encerramento

- Em nossa cultura, muitas vezes, existem expectativas em relação à forma como homens e mulheres devem ser e se comportar. Por exemplo: garotas são mais fracas, mais dependentes, mais sensíveis, menos agressivas e os garotos são mais fortes, mais independentes, mais práticos, mais agressivos.
- Quando falamos em sexo, nos referimos às características físicas e biológicas de cada um, às diferenças entre um corpo de homem e de mulher, de menino e de menina. O sexo diz respeito ao atributo anatômico.
- Quando falamos em gênero, nos referimos às diferenças que foram construídas ao longo da história da humanidade por meio dos costumes, idéias, atitudes, crenças e regras criadas pela sociedade. O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos. No conceito de gênero, as noções de “masculino” e “feminino” são construções sociais.

Atitudes culturais mais amplas com respeito a funções e relações de gênero influenciam o castigo aplicado contra a criança. Muitas culturas usam o castigo físico e humilhante acreditando que essa é uma maneira apropriada de educar meninos ensinando-os a serem homens. Meninas podem receber mais castigos humilhantes, enquanto meninos são mais punidos fisicamente.

Pesquisas sugerem, ainda, que os pais em lares onde as famílias são comandadas por homens são mais propensas a usar castigo físico como forma de disciplinar seus filhos. Esse tipo de família tende a ser caracterizado por funções de gênero rígidas e hierarquizadas. O estilo da paternidade nessas famílias tende a ser agressivo, autoritário e ter por base o castigo físico em detrimento das técnicas de castigo verbal, tudo diretamente relacionado a atitudes patriarcais.

Fonte: Harper, K., Horno, P., et. Al. Erradicando o Castigo Físico e Humilhante contra a Criança: manual de ação. Save the Children Suécia e Aliança Internacional Save the Children, 2005





TEXTO DE APOIO (o texto pode ser lido pelo facilitador para fomentar a reflexão com o grupo):

Gênero, o que é isso?

Para facilitar a compreensão e a transformação das desigualdades que as sociedades constroem sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, utilizamos o conceito de gênero. Isto se refere ao que a sociedade nos ensina sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e os papéis de ambos, a partir de uma interpretação de suas diferenças biológicas. É importante ressaltar, que gênero é diferente de sexo. Enquanto o primeiro diz respeito ao que aprendemos, e como nos comportamos e agimos, tornando-se homens e mulheres, sexo diz respeito ao que é biológico e nasce com a gente (pênis, vagina, seios).

Em nossa sociedade, em geral, os homens são educados para serem dominantes e mais resistentes. Enquanto as mulheres são socializadas para serem carinhosas e cuidar do lar e dos filhos, os homens são socializados para se “virarem” na rua e a usar a violência como uma das formas de resolver conflitos. Além disso, os homens costumam começar sua atividade sexual antes das mulheres e são estimulados a ter mais parceiras sexuais ao longo da vida. O sexo costuma ser uma forma de se afirmar como homem, uma conquista para ser contada aos amigos.

Acreditamos que esta diferença na forma como homens e mulheres são socializados, apesar dos custos para ambos, confere privilégios e poder aos homens e traz conseqüências para a sua saúde e suas relações.

É importante estimular uma reflexão sobre as normas de gênero entre homens e mulheres, para que sejam capazes de questionar modelos e comportamentos injustos.

FONTE: Fonseca, Vanessa. Nascimento, Marcos e Pizzi, Bruno. Pelo fim da exploração sexual: o que os homens podem fazer? Manual para a sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. 88p.

TÉCNICA 5: Gráfico da Família

Objetivo: Refletir sobre as relações que existem dentro da família, as diferenças socialmente atribuídas aos gêneros e sua importância para o desenvolvimento das crianças.

Materiais necessários: Folhas de papel comum, lápis de cor ou canetas hidrográficas, gráfico (folha de apoio) e texto “Família, Comunidade e Desenvolvimento Infantil” para todos (opcional).

Tempo recomendado: 1 hora

Dicas de Planejamento: Caso haja participantes com dificuldades de leitura e escrita, adapte a atividade para que ela seja realizada oralmente. É importante que os participantes não se sintam constrangidos ou deixem de participar por não saberem ler ou escrever.

Procedimento

1. Distribua as folhas de papel e peça que a numerem de 1 a 10 na direção vertical. Solicite que, individualmente, pensem na última semana que tiveram.
 2. Informe que lerá uma série de 10 atitudes que as pessoas têm ou podem ter com as crianças. Peça que cada participante atribua um número de acordo com a quantidade de vezes que fez, no último mês, alguma dessas coisas enquanto estava com seus filhos de zero a 12 anos. A gradação vai do número zero (quando não fez nenhuma vez) ao número 10 (quando fez várias vezes).
- Brincou com as crianças?
 - Ficou preocupada se as crianças estão comendo alimentos saudáveis?

- Leu uma história para uma criança pequena?
 - Ouviu ou cantou uma música junto com o seu filho ou filha?
 - Na hora de tomar uma decisão perguntou o que o seu filho ou filha achava?
 - Conversou com seu filho ou filha sobre os horários adequados para assistir televisão?
 - Perguntou sobre a lição da escola ou a fez junto com seu filho ou filha?
 - Pensou em ir ou foi a uma reunião da creche ou escola de seus filhos?
 - Beijou e abraçou suas crianças?
 - Escutou com atenção o que seu filho ou filha queria lhe dizer?
3. Distribua a folha de apoio e, no quadro, junto com os participantes, explique como construir seu gráfico de família a partir do valor que foi atribuído a cada uma das perguntas que foram feitas. Por exemplo, se na pergunta 1, o participante colocou o número 5 (como gradação), ele deverá pintar o gráfico no sentido vertical, até o número 5. E assim fará para cada pergunta. Desta forma, ao final, o participante terá uma ilustração sobre suas atitudes em relação aos seus filhos.
 4. Quando todos tiverem feito seus gráficos, peça que se reúnam em grupos e compartilhem os resultados de seus gráficos. Solicite, depois, que comparem as respostas dadas pelos homens e pelas mulheres, refletindo sobre as conclusões que podem ser tiradas deste exercício.

Perguntas para discussão

- O que é ser mãe?
- O que é ser pai?
- O que um pai e uma mãe precisam saber e fazer para garantir um bom desenvolvimento para suas crianças?
- Quais são as responsabilidades de um pai?
- Quais são as responsabilidades de uma mãe?
- É diferente criar/educar um menino ou uma menina? Por quê?

Encerramento

- Segundo documentos do UNICEF, competências familiares são os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos das famílias que contribuem para a sobrevivência, o desenvolvimento, a proteção e a participação das crianças⁵.
- Cabe à família garantir que as crianças recebam uma alimentação saudável; cuidar e proteger as crianças; interagir com a criança por meio da fala, da música e da leitura para estimular a linguagem, a comunicação de idéias e prepará-la para o aprendizado da leitura.
- Apesar da diversidade dos modelos familiares que encontramos na sociedade de hoje, ainda existem muitas desigualdades em relação ao papel desempenhado por homens e mulheres dentro de uma família. Tanto um homem quanto uma mulher são igualmente responsáveis e competentes para cuidar dos filhos e das filhas.

⁵ Girade, H. Competências Fundamentais para Famílias e Comunidades em Desenvolvimento Infantil, apresentação no Encontro Compartilhando Olhares e Experiências em Pesquisa e Ação para Famílias e Comunidades, Rio de Janeiro, 3 de junho de 2003.



TEXTO DE APOIO

Família, Comunidade e Desenvolvimento Infantil

Os especialistas costumam dizer que o desenvolvimento da uma criança acontece em três planos: o biológico/físico, o psicológico/afetivo e o social. Isso significa que além do alimento e dos cuidados com a saúde, é igualmente importante que ela se sinta amada, protegida e vivendo em um ambiente acolhedor. Também, para seu desenvolvimento, são igualmente importantes o lugar e as pessoas com quem a criança se relaciona.

O primeiro contato, e o mais forte, que a criança tem é com sua família. Independente da forma como ela está organizada, através da família são transmitidos valores, usos e costumes de uma determinada sociedade para as crianças. É no dia a dia que os filhos e as filhas vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores da sociedade, ou seja, como uma pessoa deve ou não deve se comportar. Enfim, a família transmite, de uma geração para outra, quais são os valores culturais de uma determinada sociedade.

Apesar de sabermos que a família é a instituição mais forte e presente na vida de uma criança, existem outras pessoas e instituições que também influenciam o seu desenvolvimento: os amigos, a escola, os meios de comunicação etc. Por meio desses contatos, a criança adquire novos conhecimentos e incorpora novas regras. Enfim, ela começa a fazer parte de uma comunidade, exercitando formas de expressar emoção e afeto.

Fonte: Adaptado de Medina, Soledad S. Estilos de Crianza y cuidado infantil en Santiago de Chile. Algunas reflexiones para comprender la violencia educativa en la familia. Informe Estudio. Santiago, Chile, 2006.

FOLHA DE APOIO

Gráfico de Família

10										
9										
8										
7										
6										
5										
4										
3										
2										
1										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Número da pergunta



BLOCO 2: DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento de uma pessoa é o resultado das interações entre suas próprias características biológicas e psicológicas e o contexto em que está inserido, como a família, escola, amigos, comunidade, bem como com os meios de comunicação, sistema econômico e social e crenças predominantes na cultura em que vive.

Portanto, o desenvolvimento de uma criança se constitui pela relação que se estabelece entre suas características pessoais e a atenção que recebe da família, da escola, da sociedade ou cultura em que está imersa.

A criança está em constante desenvolvimento e seguirá assim ao longo de toda a vida. Seus primeiros anos certamente são muito importantes, e influenciarão a formação da sua personalidade. Cada criança se desenvolve ao seu modo e no seu tempo, por exemplo, uns choram muito quando bebês outras não, uns dormem mais outros acordam durante a noite, sorriem mais ou menos. No entanto, muitos fatores terão impacto no modo como a criança irá se desenvolver, desde a preparação da família antes da sua chegada até o modo como pais, cuidadores e educadores irão interagir com ela, influenciando o modo como ela irá lidar com as experiências ao longo da vida.

Muitas perguntas costumam surgir quando pais, mães e cuidadores estão envolvidos nos cuidados e na educação das crianças: O que esperar de uma criança pequena? E quando meu filho chegar à adolescência, como será? Será que o comportamento do meu filho ou filha está adequado para a sua idade? Como posso ajudar meus filhos ou filhas a se desenvolverem bem? Para o trabalho com as famílias é muito importante que elas tenham acesso e conhecimento a como as crianças pensam e sentem. O objetivo deste bloco do manual é fornecer subsídios para as famílias conhecerem um pouco mais sobre o desenvolvimento das crianças, suas diferenças, habilidades e competências e como podem contribuir para o seu pleno desenvolvimento.

TÉCNICA 1: As necessidades das crianças de 0 a 6 anos

Objetivo: Refletir sobre quais são as características e as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias (zero a 6 anos), a partir da experiência dos participantes e da visão de especialistas da área.

Materiais necessários: seis cartolinas, revistas velhas, tubos de cola, lápis de cor, barbante, sucata e cópias do texto “As 10 coisas que as crianças precisam” para todos.

Tempo recomendado: 2 horas

Procedimento

1. Inicie a técnica perguntando aos participantes sobre o que eles querem para as crianças de 0 a 6 anos, escrevendo no quadro em forma de palavras-chave.
2. Comente que a infância é uma idade muito importante para a formação de uma pessoa e que se os pais, mães e professores conhecerem as características e necessidades das crianças em suas diferentes fases, fica mais fácil entender alguns comportamentos infantis, reforçar as atitudes positivas e dar limites quando necessário.
3. Informe que a proposta é fazer uma atividade em grupo para aprofundar a discussão sobre as características e necessidades das crianças dessa faixa etária.
4. Solicite que formem 4 grupos mistos e distribua uma folha de cartolina para cada grupo.

5. Peça que o grupo 1 faça uma colagem sobre quais são as características e as necessidades de uma menina que tenha entre 0 a 3 anos. O grupo 2 deve fazer a mesma coisa em relação a um menino que tenha uma idade entre 0 e 3 anos.
6. Os outros dois grupos deverão fazer uma colagem pensando nas características e nas necessidades de um menino que tenha uma idade entre 4 a 6 anos (grupo 3) e de uma menina que tenha entre 4 e 6 anos (grupo 4).
7. Solicite que coloquem na colagem tudo o que vier à cabeça, sem censura. Eles poderão se basear na experiência que têm ou tiveram com seus filhos; irmãos e irmãs; alunos etc.
8. Quando terminarem solicite que cada grupo apresente sua colagem e vá escrevendo no quadro as características e necessidades que os grupos levantaram por meio de palavras-chave. Divida de acordo com as faixas etárias e os sexos contemplados pelos grupos.
9. Distribua o texto “As 10 coisas que eu preciso para crescer”, que trata das necessidades de uma criança de zero a seis anos. Leia com eles e discuta cada ponto para ver se concordam ou não.
10. A partir das apresentações, do texto e da discussão, faça uma sistematização dos resultados e coloque-as em outras duas cartolinhas, dividindo-as a partir do tipo de características e necessidades apontadas (exemplo: físicas, afetivas, sociais etc)

Perguntas para discussão

- Das necessidades apontadas, quais as mais fáceis para uma família suprir? E as mais difíceis?
- Se você conhecesse alguém que não está suprimindo alguma dessas necessidades como é que você falaria com ela sobre isso?
- Qual é a importância da creche e da educação infantil (pré-escola) na vida dessas crianças?
- Vocês costumam freqüentar as reuniões da creche e/ou da escolinha que seus filhos estão?
- Na opinião de vocês, quais das necessidades que foram discutidas são contempladas na creche? E na educação infantil?
- Na opinião de vocês, quais não são garantidas na creche? E na educação infantil?
- Quem deve assegurar que as necessidades das crianças estejam sendo atendidas?
- Se uma creche ou uma escola de educação infantil não está suprimindo essas necessidades das crianças, o que caberia à família e à comunidade fazer?

Encerramento

- As atividades do dia a dia realizadas junto com as crianças de 0 a 6 anos são importantes para o aprendizado e a qualidade das relações familiares.

- Escutar as crianças e encorajá-las a participar das decisões que são relevantes para elas é importante para o desenvolvimento da autonomia.
- É aconselhável que a família ensine com firmeza o que é certo e o que é errado para uma criança, mas que não faça uso de violência nem física nem psicológica para isso.





TEXTO DE APOIO (Estes textos podem ser lidos ou distribuídos para os participantes. São sugestões de temas que muitas famílias apontam como importantes e que, na maioria das vezes, não têm informações ou com quem dividir suas dúvidas e angústias.)

As 10 coisas que eu preciso para crescer

1. Interação: Gaste uma parte do seu tempo me olhando e respondendo às minhas perguntas e olhares. Suas ações e respostas são muito importantes e especiais para mim.
2. Carinho: Me embale, me pegue, me dê milhões de abraços. Isso vai me manter calmo e confortável. Vai me dar, também, coragem para aprender novos movimentos.
3. Relacionamentos estáveis: Eu preciso de alguém especial que venha quando eu chame, que eu veja quando olho a minha volta. Desse jeito, eu saberei que posso ir adiante.
4. Segurança e Ambiente Saudável: Cubra as tomadas, bloqueie as escadas, mantenha tudo o que é perigoso longe de mim! Se o ambiente estiver seguro, eu terei lugares muito especiais para explorar e me sentir livre.
5. Auto Estima: Eu posso aprender a fazer um monte de coisas se você me incentivar, me aplaudir e me disser vá, vá,vá!
6. Cuidados: Quando você estiver longe, preciso estar com outras pessoas em quem você confie para cuidar de mim e me ensinar coisas novas e excitantes.
7. Comunicação: Eu ainda não sei falar como um adulto, mas não se engane, eu entendo muitas coisas. Nossas conversas são muito importantes para mim!
8. Brincar: Brincar é divertido, brincar é gostoso. Essa é a forma como eu aprendo um monte de coisas.
9. Música: 1,2,3 ... cante para mim e faça sons ridículos. Cantar, dançar e escutar músicas são coisas muito divertidas que podemos fazer juntos.
10. Leitura: Leia para mim, me mostre livros com um monte de figuras lindas. Escreva as minhas histórias e eu adorarei lê-las para sempre.

Fonte: Adaptado de Brazelton, T.,Greespan, S. The Irreducible Needs of Children. Cambridge: Perseus Publishing, 2000.

TEXTO DE APOIO

Depressão pós-parto

A chegada de um novo bebê provoca grandes transformações na vida da mãe. Algumas vezes, as mães sentem saudades do tempo em que não tinham um bebê, podendo comer, dormir e sair quando quisessem. Novas mães podem se sentir completamente sobrecarregadas com os cuidados dedicados ao bebê.

Além das mudanças de estilo de vida que a chegada do bebê acarreta, as mães passam por grandes transformações físicas. Seus hormônios fluem para acelerar a recuperação do corpo após o parto e para criar leite para o recém-nascido.

Mesmo amando seus bebês, as mães podem desenvolver depressão depois do nascimento de seus filhos em razão da combinação de mudanças físicas e de estilo de vida pela qual estão passando. Tal depressão não é incomum. Ela não significa que a mulher é uma péssima mãe ou uma má pessoa. Trata-se simplesmente de uma reação às grandes transformações pelas quais ela está passando.

Se você anda chorando demais, sentindo-se “pra baixo”, sem energia ou sem ligação emocional com o seu bebê, deve falar com o seu médico ou uma enfermeira imediatamente. Você precisa de apoio, pessoas com quem conversar e tempo para si mesma. Ler sobre depressão pós-parto e entrar em contato com outras mães também pode ajudar.

Em alguns casos, esse tipo de depressão pode tornar-se bastante grave. Se você sente indiferença por seu bebê ou pensa em machucá-lo, diga ao seu médico o mais rápido possível. A depressão pós-parto pode ser tratada.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.





02 COMO UTILIZAR AS ATIVIDADES DESTE MANUAL?

TEXTO DE APOIO

Choro de bebê

Os pais podem ficar muito cansados ao cuidar de seus bebês. Algumas vezes, eles podem ter vontade de sacudir ou bater o bebê quando ele não pára de chorar. Sacudir ou bater no seu bebê não acaba com o choro, mas pode:

- Fazer com que ele tenha medo de você.
- Machuca-lo, ferindo-o ou quebrando ossos.
- Prejudicar seu cérebro.
- Matá-lo.

Os corpinhos e os cérebros de bebês são extremamente frágeis. Nunca sacuda ou machuque um bebê. Se o seu filho não pára de chorar, ele precisa saber que você está presente. Ele precisa ser confortado e apoiado. Não é possível mimar um bebê. Mas você nem sempre será capaz de acalmar seu bebê. Se você acha que está muito cansado e estressado, peça ajuda à sua família, amigos, médico ou outros recursos na sua comunidade.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.

TEXTO DE APOIO

Uma casa segura para crianças

Crianças pequenas precisam explorar. É dessa forma que aprendem. A exploração dos espaços é absolutamente essencial ao desenvolvimento do cérebro infantil.

Os pais precisam manter seus filhos em segurança.

A melhor maneira de resolver esse problema é certificando-se de que sua casa é segura.

Por exemplo, você pode engatinhar pela casa e observe-a do ponto de vista do seu filho.

- Onde estão os perigos – objetos pontiagudos, venenos, objetos quebráveis? Coloque-os todos em lugares altos ou armários trancados.
- Cubra as tomadas.
- Tranque facas e ferramentas.
- Esconda medicamentos.
- Vire as alças das panelas para o lado de dentro do fogão.
- Certifique-se de que objetos pesados não podem ser puxados ou empurrados.
- Certifique-se de que sua casa é segura para ser explorada.

Fonte: DURRANT, Joan E., Positive discipline: what it is and how to do it, Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.

TEXTO DE APOIO

O negativismo infantil

É completamente normal que crianças pequenas se recusem a fazer aquilo que você pede. Elas não agem assim para irritá-lo ou desafiá-lo. Elas agem desta forma porque descobrem que são indivíduos e querem experimentar sua habilidade de tomar decisões.

Algumas vezes você explicará coisas a seus filhos, mas ainda assim eles não farão o que você pede. Isso ocorre porque eles querem tomar suas próprias decisões. Nesse momento, pode ser útil oferecer escolhas às crianças para que elas exerçam sua capacidade de tomada de decisões. “Você prefere usar seu casaco verde ou seu casaco amarelo?”, “Você quer andar ou ser levado nos braços?”. Uma vez que a criança escolhe uma destas opções, seu objetivo de curto-prazo é cumprido*.

Assegure-se de que as escolhas que você oferece são escolhas que você pode aceitar. Se você precisa ir a algum lugar, não pergunte se a criança “prefere sair ou ficar em casa”. Se ela escolher permanecer em casa, mas você precisar sair, a criança sentirá que a opção que ela escolhe não tem importância e que você não está sendo sincero quando a oferece.

Além disso, uma ameaça não é uma escolha. “Ou você coloca seu casaco ou eu baterei em você”, “Ou você sai de casa sozinho ou eu nunca mais o levarei comigo”. Isso não é uma escolha, e sim uma ameaça. Ameaças amedrontam seus filhos. Eles também criam uma armadilha para os pais. Se o seu filho não quiser colocar o casaco, você sentirá que deve cumprir com sua ameaça, o que fará com que a situação fique pior.

*A autora fala de objetivos de curto prazo para designar aquilo que os pais desejam que as crianças façam de forma imediata. Objetivos de curto prazo podem ser atingidos respeitando os objetivos de longo prazo, que dizem respeito às metas que os pais desejam atingir através da educação dos filhos uma vez que estes estiverem grandes. Eventuais conflitos entre objetivos de curto e de longo prazo podem aparecer, e é importante desenvolver estratégias para lidar com eles sem desrespeitar a criança.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.

TEXTO DE APOIO

Os medos das crianças

É muito difícil convencer crianças pequenas de que as coisas que elas temem não são reais. Elas ainda não entendem a diferença entre realidade e imaginação. Algumas vezes, o melhor a fazer é checar embaixo da cama de seu filho ou dentro do armário para mostrar que não há nada ali. Depois ofereça conforto e companhia para que ele relaxe e adormeça sabendo que está seguro.

Lembre-se de que a maioria de nós não gosta de ficar sozinho no escuro. O medo é uma reação natural do ser humano quando está sentindo-se vulnerável. Por vezes, a imaginação dos adultos também é capaz de voar alto quando eles estão sozinhos no escuro. Se tivermos consciência de nossos próprios medos, poderemos entender os medos de nossos filhos com muito mais facilidade.

Em algumas culturas, as crianças dormem com seus pais. Nessas culturas, é mais fácil ajudar os pequenos para que tenham um sentimento de segurança e proteção durante a noite.

Em outras culturas, a prática de pais e filhos dormirem juntos não é comum. Nessas culturas, os pais devem fazer um esforço extra para assegurar-se de que seus filhos sentem-se seguros e protegidos.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.



TÉCNICA 2: As necessidades das crianças de 7 a 11 anos

Objetivo: Refletir sobre quais são as características e as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias, a partir da experiência dos participantes e da visão de especialistas da área.

Materiais necessários: seis roteiros com a descrição da situação que os grupos terão que dramatizar; bonés, presilhas, brinquedos diversos; texto Necessidades Básicas e Comuns para todos.

Tempo recomendado: 2 horas

Procedimento

1. Inicie perguntando ao grupo sobre o que foi discutido no encontro passado e anote no quadro, em forma de palavras-chave, os pontos lembrados.
2. Solicite que formem 6 grupos e explique que cada grupo vai receber um roteiro com a descrição de uma situação a ser dramatizada por eles. As situações são:
 - Um menino de 8 anos na escola.
 - Uma menina de 8 anos na escola.
 - Um menino de 9 anos em sua casa.
 - Uma menina de 9 anos em sua casa.
 - Um menino de 11 anos na rua com seus amigos.
 - Uma menina de 11 anos na rua com suas amigas.

3. Cada grupo deverá fazer uma dramatização de 5 minutos a partir dessas informações. O tempo que terão para criar a história e ensaiar é de 30 minutos.
4. Conforme cada grupo for apresentando sua história, pergunte quais são as características daquelas crianças, suas necessidades e o papel da família ou da instituição na situação apresentada.
5. A partir das apresentações, do texto “Necessidades Básicas e Comuns” (folha de apoio) e da discussão, faça uma sistematização dos resultados e coloque-as em outras duas cartolinas.
6. Cole as duas cartolinas com as informações levantadas no exercício anterior (crianças de 0 a 6 anos) ao lado das elaboradas neste exercício e, junto com os participantes, compare e discuta quais são as diferenças entre as crianças de 0 a 6 e de 7 a 11.

Perguntas para discussão

- Quais as diferenças que vocês percebem entre uma criança de menos de 6 anos e uma outra que tenha entre 7 e 9 anos?
- Que necessidades elas têm nessa idade?
- O que os pais esperam delas?
- É o mesmo que eles esperam das crianças de 9 a 12 anos? Se não, quais são as diferenças?
- O que poderia ser melhorado em termos da educação das crianças? Como seria possível fazer isso?

- Quem deve assegurar que as necessidades das crianças sejam atendidas? (Estado, escola, pais, comunidade etc.)
- Na sua comunidade há espaços próprios para a criança brincar, correr, se divertir, jogar, com segurança?
- Qual é o papel da família? Como os pais e mães devem interagir com a escola? Em especial, qual é o papel da comunidade no desenvolvimento das crianças?
- Qual é o papel do Município e do Estado na garantia de que os direitos das crianças e adolescentes sejam respeitados?

Encerramento

- Embora as crianças sejam diferentes entre si, algumas características são comuns à maioria delas. Assim, é importante que os adultos tenham uma boa noção do que se pode esperar de uma criança ou adolescente, pois as necessidades infantis variam de idade para idade⁶.
- O desenvolvimento é um processo que passa por diferentes etapas. As crianças, à medida que crescem, vão desenvolvendo capacidades, sentimentos e também necessidades diferentes. E isso varia de uma criança para outra.
- Para se desenvolver, as crianças precisam da ajuda de adultos que, conscientes de suas necessidades, as protejam e respeitem, as levem a sério, as amem e as ajudem a orientar-se.

⁶ Goicoechea, P. Educa, no Pegues – Guia para madres y padres. Madri: Save the Children, 2001.

FOLHA DE APOIO

Necessidades Básicas e Comuns⁷

Necessidades físico-biológicas

Alimentação suficiente, variada, adequada à idade.

Roupa na medida certa para não deixar passar frio ou calor.

Higiene do corpo e da casa.

Sono suficiente conforme a idade.

Atividade física de acordo com suas capacidades: brincadeiras, jogos, passeios, exercícios etc.

Integridade física garantida por meio da proteção efetiva contra riscos reais em casa e na comunidade.

Saúde assegurada por meio de exames periódicos e vacinações

Necessidades cognitivas

Estimulação dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, etc).

Estimulação da linguagem oral/escrita (conversando, escrevendo, cantando).

Exploração física e social (descobrimo o mundo em conjunto com adultos, crianças e/ou adolescentes).

Compreensão da realidade física e social (por meio de perguntas que pedem respostas corretas, através de explicações simples e claras, sem mentiras).

Necessidades emocionais e sociais

Segurança emocional por meio de um amor incondicional, que pode rejeitar alguns comportamentos das crianças, mas nunca elas mesmas enquanto pessoas.

Relações sociais através de companheirismo e amizade com outras crianças, assim como atividades de grupo e programas em conjunto com a família.

Participação e autonomia, podendo contribuir, seja em decisões que afetam a vida infanto-juvenil, seja em ações que beneficiem a si, a família ou a sociedade.

⁷ Adaptado de Azevedo, M, Guerra, V. Palmada Já Era. São Paulo: M.A.Azevedo: V.N. de A Guerra, 2002. Children, 2001.

TEXTO DE APOIO

Explosões de raiva em pré-adolescentes

Um dos maiores desafios da infância é aprender a lidar com as emoções e a expressá-las adequadamente. Essa é uma tarefa difícil porque algumas emoções podem impedir que pensemos com clareza. Emoções podem fazer com que tenhamos reações impulsivas, dizendo coisas que normalmente não diríamos ou fazendo coisas que normalmente não faríamos.

Para que uma criança entenda suas emoções e possa usá-las e expressá-las da maneira adequada é preciso superar grandes desafios. Certas emoções podem fazer com que as crianças sintam-se sobrecarregadas. Se elas costumam dar ataques de fúria quando pequenas, também podem ter explosões de raiva quando maiores. Ou podem ficar silenciosas, incapazes, com medo de expressar seus sentimentos.

Nessas ocasiões, elas precisam sentir que são amadas e que estão seguras. Não é possível ter uma conversa calma com seu filho quando ele está muito irritado. A melhor coisa a fazer é sentar-se por perto, deixando que seu filho saiba através de sua maneira de agir que você estará presente caso ele precise.

Uma vez que a tempestade houver acabado, você pode falar sobre o problema e, permanecendo calmo, mostrar ao seu filho como expressar sentimentos da maneira correta. Você também pode indicar formas de resolver a questão que causou a explosão de raiva.

Lembre-se: estes ataques de fúria passam. E cada um deles lhe oferece a oportunidade de ser um exemplo para seu filho.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.



BLOCO 3: COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA

A comunicação faz parte das relações entre as pessoas, seja através de um gesto, de uma palavra, do modo de vestir, de falar, de escrever ou mesmo através de um silêncio. Por isso, podemos classificar a comunicação em dois tipos: verbal e não-verbal.

Nas famílias a comunicação adquire um papel importante para o funcionamento e desenvolvimento adequado dos seus membros. Ela pode se estabelecer em três diferentes níveis: a comunicação aberta, a superficial e a fechada.

Nas famílias onde os membros podem manifestar seus sentimentos e questionamentos sem se sentirem ameaçados, provavelmente existe uma comunicação aberta, profunda, responsável e afetiva. Nas famílias com fronteiras rígidas, a dificuldade de comunicação entre pais e filhos costuma ser mais freqüente, pois os filhos acabam por não confiar em seus pais que se mostram incapazes de perceber suas necessidades, suas dúvidas ou as mudanças pelas quais estão passando. Esses pais buscam, constantemente, provas da responsabilidade dos seus filhos, mas não conseguem dialogar abertamente e orientá-los sobre as questões trazidas por eles. A comunicação fechada caracteriza-se por excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais. Assim, não há espaço para os filhos manifestarem seus sentimentos e dúvidas.

Sabemos que não existe uma regra básica para melhorar a comunicação em uma família. As famílias são diferentes, cada uma tem uma história, um jeito de funcionar e uma forma de se comunicar. Mas acreditamos que uma boa comunicação aproxima pais e filhos.

Portanto, o que buscamos com as atividades propostas nesta seção do manual é que pais, mães e cuidadores possam refletir sobre a comunicação nas suas famílias e como se comunicam com suas crianças. Aqui, a vontade, o interesse, e a disponibilidade, são valorizados como aspectos que promovem um espaço favorável para uma boa comunicação.

TÉCNICA 1: Que mensagens transmitimos às crianças?

Objetivo: Reconhecer os sentimentos que os filhos sentem em duas situações: 1) quando suas opiniões e sentimentos não são levados em consideração; 2) quando seus sentimentos e opiniões são levados em consideração.

Materiais necessários: não é necessário, mas o facilitador poderá disponibilizar figurinos diversos para as dramatizações.

Tempo recomendado: 1 hora

Procedimento

Os facilitadores escolhem dois dos sociodramas abaixo ou os três se houver tempo.

O protagonista principal não pode saber como os outros "atores" irão tratá-lo, portanto a combinação da peça é feita separadamente com cada "ator".

Proposta 1 de sociodrama

Escolhem-se 3 voluntários e o facilitador explica a cena que eles dramatizarão. Por exemplo, são 3 irmãos. Dois encontram-se em casa. Um está lendo o jornal e o outro está fazendo as contas de casa ou arrumando-a. O 3º. irmão chega da rua com uma novidade do trabalho. Ele (a) foi finalmente promovido (a) e está exultante de alegria tendo aguardado ansiosamente o momento em que chegaria em casa para contar aos



outros irmãos. O irmão que está lendo o jornal é o primeiro a ser abordado, mas este nem presta atenção no que a pessoa está contando, toda entusiasmada. Somente quando o facilitador sinaliza é que esta pessoa pode ir procurar o outro irmão para contar a novidade.

Importante: para explorarmos com mais intensidade o que cada um sentiu durante o sociodrama, a pessoa que fará o papel do (a) irmão (a) que chega da rua não irá saber de antemão a forma como os outros dois irão lhe tratar.

Proposta 2 de sociodrama

Procuram-se 2 voluntários que representarão um casal. A mulher ou o marido (ou de acordo com a configuração característica do grupo) faz alguma coisa errada ao usar um utensílio doméstico caro e o quebra. O outro parceiro chega em casa e quando vê o aparelho quebrado fica desesperado. Briga sem querer ouvir a opinião do outro por um bom tempo. Somente depois de um tempo ele(a) se acalma e ouve a explicação do(a) parceiro(a) sobre o que aconteceu.

Importante: novamente nenhum dos voluntários ao sociodrama sabe como o outro irá se comportar. O facilitador orienta cada um individualmente.

Proposta 3 de sociodrama

Procuram-se 4 voluntários que representarão 3 irmãos e um pai (ou mãe). Quando a mãe (ou pai) chega em casa, vê os 3 filhos brigando e coloca a culpa em um deles somente, sem querer ouvir suas explicações.

Importante: novamente nenhum dos voluntários ao sociodrama sabe como o outro irá se comportar. O facilitador orienta cada um individualmente.

Perguntas para discussão

- O que foi encenado?
- Como vocês acham que XX se sentiu? (explorar os diferentes personagens em cada sociodrama que passaram por momentos de incompreensão ou negligência/ não escuta)
- Por que vocês acham que X reagiu dessa forma e X de outra?
- Este tipo de situação acontece com vocês? Em que momentos?
- Como vocês se sentem nesses momentos?
- Como vocês gostariam de terem sido tratados?
- Vocês recordam se alguma dessas situações dramatizadas já aconteceu com seus filhos? Em quais momentos? Como vocês acham que eles se sentiram?
- Para eles se sentirem bem, como as coisas poderiam ter acontecido diferente?
- Isso tem relação com a forma como nos relacionamos com nossas crianças? Quais relações?

TÉCNICA 2: Sociodramas sobre mensagens enviadas às crianças

Objetivos: reconhecer a atenção positiva como importante elemento para um bom relacionamento entre pais e filhos; promover uma escuta ativa (reconhecendo as opiniões e sentimentos dos filhos); compreender a importância da comunicação para atingir os objetivos acima (tanto a comunicação verbal quanto a não verbal).

Materiais necessários: flip chart, papel para flip chart, canetas pilot de diferentes cores.

Tempo recomendado: 1 hora.

Procedimento

Encenação de 2 situações (ver folha de apoio) que demonstram diferentes momentos da relação entre pais e filhos (sendo uma situação referente a momentos de não escuta e não atenção positiva e a outra sim). Trabalho em grupos menores.

Perguntas para discussão (no grupo maior)

- O que o grupo estava representando?
- Quais mensagens foram passadas para as crianças pelo pai ou pela mãe?
- Como vocês acham que as crianças se sentiram diante dessas mensagens?

(ir anotando o que os pais relatam em uma folha dividida em duas colunas correspon-

dentes: “mensagens enviadas pelos pais” e “sentimentos das crianças diante dessas mensagens”)

Perguntas para discussão (a partir do conjunto das encenações)

- Com que tipo de mensagens as crianças se sentem melhor? Por quê?
- Quais mensagens negativas devemos evitar ao nos relacionarmos com nossos filhos?
- Como podemos enviar mensagens positivas a nossos filhos?
- Por que melhora a relação com os filhos quando enviamos mais mensagens positivas do que negativas?

Encerramento

Convidar os pais a pensarem e identificarem um momento na relação com seus filhos em que os trataram como os personagens principais dos sociodramas vivenciados neste dia de oficina. Se quiserem, eles podem dividir esses momentos com o grupo. Neste caso, o facilitador convida todos a pensarem como poderiam ter feito diferente com seus filhos nesses momentos identificados. O facilitador vai anotando no flip-chart as idéias que vão sendo levantadas pelos participantes e ao final os convida a tentarem colocar estas idéias em prática. O facilitador faz essas anotações no flip-chart ou na cartolina sempre procurando chamar a atenção dos pais para as mensagens que

são enviadas e os sentimentos gerados nas crianças (tanto positivos quando negativos).

A partir da discussão no grupo, o facilitador convida os pais a pensarem em duas mensagens positivas que podem enviar a seus filhos e tentarem colocar em prática.





FOLHA DE APOIO

Casos para encenação (não falada)

Situação nº1

A mãe ou o pai estão lavando a louça e seu filho(a) de 3 anos que estava brincando cai e começa a chorar. A mãe ou o pai interrompe o que está fazendo e pega a criança nos braços, a abraça e olha onde está doendo.

Situação nº2

A mãe ou o pai está ocupado fazendo algum pequeno trabalho em casa. Seu filho(a) chega interrompendo a tarefa e querendo a atenção do pai (ou da mãe) para lhe mostrar uma coisa. O pai ou a mãe não lhe dão atenção e continuam fazendo suas tarefas em casa. A criança continua insistindo e chamando a atenção deles. Até que o pai ou a mãe se irrita e briga com ele. A criança sai chorando.

Situação nº3

O pai ou a mãe está olhando um desenho que seu filho(a) fez. No rosto da criança a alegria fica claramente expressa. O pai ou a mãe abraça seu filho(a) e lhe dá um beijo e um abraço bem carinhoso.

Situação nº4

A criança chega chorando em casa mostrando um brinquedo seu que se quebrou. Ela vai em direção da mãe (ou do pai) que está sentado descansando e mostra para ele o brinquedo quebrado pedindo que ele (a) conserte o brinquedo. Seu pai (ou sua mãe) diz que não pode consertá-lo agora e se levanta para fazer alguma coisa em casa. A criança vai atrás, chorando e o pai (ou a mãe) faz gestos de desespero e se retira do lugar onde está deixando a criança sozinha. A criança continua chorando.

Situação nº5

A criança mostra um caderno para um de seus pais. O pai ou a mãe mostra, de maneira carinhosa, que algumas de suas tarefas estão erradas e explica como fazê-las corretamente. A criança faz com a cabeça que entendeu e realiza a tarefa. Ela mostra, novamente, a tarefa certa e seu pai (ou mãe) lhe dá os parabéns.

TÉCNICA 3: Resgatando a vivência dos participantes em suas famílias de origem

Objetivo: Resgatar a vivência dos pais em suas famílias de origem e reconhecer os sentimentos que seus filhos sentem quando suas opiniões e sentimentos não são levados em consideração.

Materiais necessários: Folhas A4, lápis, flip-chart, cartolina ou papel pardo, marcadores, cartões e quadro.

Tempo recomendado: 2 horas

Procedimento

Peça aos participantes que apresentem suas famílias de origem, pensando nas pessoas que lhe foram mais significativas. A apresentação pode ser realizada através de relato oral, escrito ou desenhos, destacando quem os criou, ou educou e com quem moravam.

Peça para destacarem, com o objetivo de resgatar atitudes e comportamentos que os pais tinham em relação a eles:

- Os quais eles MENOS gostavam
- Os quais MAIS gostavam

Peça para dividirem ao meio uma folha de cartolina grande. De um lado da cartolina desenham ou escrevem os comportamentos dos quais MAIS gostavam e, do outro lado, os que MENOS gostavam.

É possível que haja resistências de alguns participantes para desenhar. Assegure que não é um concurso de desenho e que caso não o queiram, não precisam mostrar aos outros depois.

- Em grupos menores, os participantes são convidados a discutirem o que foi desenhado e/ou escrito. Uma pessoa do grupo pode ser a relatora.
- Em seguida, proponha uma discussão mais ampla entre todos os participantes, onde os relatores dos grupos colocam as questões que foram discutidas em cada sub-grupo.

Perguntas para discussão

1. Como as lembranças desagradáveis nos fizeram sentir? E as agradáveis?
 2. Que recordações vocês estão deixando em seus filhos? Eles terão mais recordações agradáveis ou mais recordações dolorosas de vocês?
 3. Vocês gostariam de mudar alguma dessas recordações que estão deixando em seus filhos? Por quais? O que propõem para mudar as recordações que estão deixando em seus filhos? O que podem fazer para aumentar as recordações agradáveis e diminuir as dolorosas?
- O facilitador vai anotando numa folha de flip-chart ou cartolina o que o grupo relatar e depois, junto com o grupo, procura fazer uma classificação dos pontos anotados, tanto para as lembranças agradáveis, quanto para as desagradáveis, dando ênfase aos momentos de escuta e não escuta e de atenção positiva ou não que os pais sofreram quando crianças.

A partir dos relatos dos pais, procurar identificar:

- o papel tradicional desempenhado pela mãe e pelo pai;
- o não respeito e não promoção dos direitos da criança (especialmente a não promoção da participação infantil dentro da família);
- o uso da violência física e psicológica para educar.

Estabelecem-se as vantagens e desvantagens dessas formas de educação na infância. Para isso utiliza-se outra cartolina ou folha de flip-chart e em duas colunas se escrevem as vantagens e desvantagens;

Discutir sobre como foi falar/ pensar no passado, o que acham que se repete e o que não se repete na educação de seus filhos, se é possível rever determinados estilos ou não;

Caso não apareça na discussão, o facilitador deve estar atento para a temática do castigo físico e humilhante.



Encerramento

O facilitador convida o grupo a refletir sobre formas de deixar lembranças mais positivas do que negativas em seus filhos e maneiras de efetivamente colocar isso em prática. No próximo encontro, os pais que quiserem, podem relatar como foi esta experiência.

Algumas recomendações que podem ser dadas aos pais, mães e cuidadores

Fixar-se mais nos aspectos positivos do que nos negativos de seus filhos e filhas. Pensar que as crianças não agem de má fé para agredir a seus pais;

Falar com as crianças sobre seus sentimentos, preocupações, suas raivas. Quanto mais diálogo e aproximação emocional, mais fácil será a vida familiar;

Programar com a criança as atividades, desde atividades dentro de casa e que se refiram ao lazer da criança, até atividades rotineiras como ir ao supermercado. A criança pode lhe ajudar a fazer as compras, por exemplo.

Expressar sua desaprovação por um comportamento equivocado sem gritar. Dizer tranquilamente “Não gosto do que está fazendo, você pode chatear-se ou chatear os outros.”

Indicar as crianças o que espera delas. “Não corre na igreja, ou se senta ou fique de pé”.

Escutar a versão da criança sobre um fato, antes de desaprovar o acontecimento.

Utilizar sanções como: quitar privilégios, deixar um dia de sair para brincar, pedir que fique no quarto por um período.

Estabelecer normas claras e as sanções frente a seu descumprimento.

Impor uma sanção acompanhada de um diálogo curto onde a criança e seus pais tenham alternativas de mudança para uma oportunidade parecida. Por exemplo, se não estudou porque esqueceu o caderno, pensar em estratégias para que não volte a esquecer.

Permitir a criança à tomada de decisões em assuntos simples como: escolher sua roupa, escolher o horário para realizar suas tarefas (e assegurar-se que cumpram).

Pedir e considerar a opinião das crianças em assuntos familiares que as afetam, de acordo com sua idade e maturidade alcançada.

Expor ferramentas concretas sobre o manejo do stress e da raiva tais como:

- Utilize medidas “preventivas”, ou seja, pense em problemas que podem se apresentar e o que se pode fazer para preveni-los.
- Antes de chegar em casa estar preparado para enfrentar dificuldades com as crianças. Se você está preparado, os problemas não te surpreendem.
- Quando um comportamento da criança te surpreender, ou angustiar, conte até 30,50 ou 100 e depois diga que ficou chateado. Nunca use o castigo corporal para descarregar a raiva.
- Fixem-se todos os dias em algo bom de seu filho e/ou filha.
- Pense nas coisas boas que tem na vida.

Caso seu horário de trabalho permita, reserve 10 minutos para fazer alguma atividade que lhe seja prazerosa ou um exercício de relaxamento que lhe permita descansar.

FOLHA DE APOIO

Para a condução desta oficina...

São comparados os estilos parentais vividos na infância e os utilizados atualmente:

Cada grupo expõe os estilos parentais a que foram expostos na infância. Os sentimentos suscitados e suas vantagens e desvantagens;

O facilitador pode caracterizar os estilos predominantes e identificá-los como autoritário, democrático, permissivo e mesclado. Analisar cada estilo com o grupo, seu tipo de autoridade, seu tipo de castigo. O castigo corporal, o grito, a ameaça e o insulto devem ser olhados de maneira específica. Tudo isso a luz das vantagens e desvantagens;

Expõem-se os estilos parentais usados atualmente, os sentimentos que suscitam e suas vantagens e desvantagens;

Faz-se um exercício com o grupo de caracterização dos estilos usados pelos participantes com base no ponto anterior. Enfatize o papel do castigo corporal (e também o grito, a ameaça e o insulto) e suas vantagens e desvantagens.

Compare os estilos usados pelos pais e/ ou mães dos participantes e os usados atualmente por eles com suas crianças. Levar em conta as vantagens e desvantagens dos estilos e com base nisto, trabalhar o tema da influência do aprendizado na infância e a importância de se refletir sobre isso de modo a mudar o que não for adequado;

É importante analisar as circunstâncias em que os pais usam certos castigos e escutar as dificuldades em usar o estilo democrático e participante. É fundamental não julgar pais e/ou mães pelo estilo parental que utilizam.

É igualmente importante analisar as circunstâncias em que os pais não usam de violência física, nem psicológica.



BLOCO 4: EDUCAÇÃO SEM VIOLÊNCIA

O que fazer quando os conflitos familiares se convertem numa constante e explodem por qualquer motivo? Como assumir e expressar raiva, medo, frustração ou tristeza, sem ter a impressão de colocar em risco o amor e a confiança? Como formar e educar as crianças sem recorrer ao castigo físico?

Educar não é nada fácil. Depois de um dia inteiro de problemas, mães e pais chegam em casa e precisam cuidar dos filhos. E as crianças querem atenção, nem sempre obedecem logo, pedem tudo. É muita pressão.

Nessa hora a palmada ou um tapinha de leve parecem uma boa idéia. Sem que a criança entenda direito, os mesmos pais que dão comida e beijinho de boa noite, de vez em quando aparecem com o chinelo na mão. Com frequência, para não apanhar, as crianças passam a preferir a distância e o silêncio. Mentem para evitar brigas, escondem seus erros. Aos poucos, quase nada se resolve sem gritos ou ameaças. E o resultado disso é que as crianças, ao invés de respeitar os pais, ficam com medo deles.

Muitos pais apelam para a violência porque é comum acreditar que é a melhor forma de manter a autoridade e de proteger os filhos. Antigamente se achava que castigos físicos e humilhantes faziam parte da educação. Hoje, se sabe que não é bem assim. Existem formas carinhosas de educar que dão resultado. Reunimos aqui algumas atividades que ajudam a refletir sobre estratégias específicas de educação positiva e encorajam os pais, as mães e cuidadores a repensem ou mesmo, mudarem suas atitudes em relação a educação das crianças.

Acreditamos que educar sem violência é possível e dá certo!

TÉCNICA 1: Varal da violência

Objetivo: Objetivo: Identificar as formas de violência que praticamos ou que são cometidas contra nós.

Materiais necessários: Barbante, pedaços de papel, prendedores de roupa e canetas de ponta grossa; texto Tipos de Violência Intrafamiliar para todos.

Tempo recomendado: 1 hora e 30 minutos

Procedimento

1. Explique que a proposta é falar sobre a violência dentro de casa, aquela praticada contra nós, e converse sobre os sentimentos gerados a partir dessa violência.
2. Informe que serão colocados quatro varais na sala e que todos os participantes deverão escrever algumas palavras nas folhas de papel e prendê-las no varal.
3. Distribua quatro folhas de papel para cada participante.
4. Coloque em cada varal uma folha de papel com os seguintes títulos:
 - a) Violência praticada contra mim dentro de casa.
 - b) Violência que eu pratico dentro de casa.
 - c) Como eu me sinto quando pratico alguma violência contra alguém da minha família.
 - d) Como eu me sinto quando alguém da minha família pratica alguma violência contra mim.

5. Peça a cada participante para pensar um pouco e escrever, em poucas palavras uma resposta para cada um dos varais no mínimo.
 6. Aguarde 10 minutos para realizarem essa tarefa e informe que eles vão colocar cada uma das respostas no varal correspondente.
 7. Peça que, um a um, coloquem cada uma de suas respostas no varal correspondente, lendo-as para o grupo. Eles poderão explicar o que acharem necessário e os outros participantes poderão fazer perguntas para entender melhor as respostas.
- Leia a seguinte afirmativa: “Alguns pesquisadores dizem que a violência é como um ciclo, ou seja, quem é vítima de violência, muito provavelmente cometerá atos de violência depois”. Se isso está correto, como podemos interromper esse ciclo da violência?
 - Como foi para vocês falar sobre violência?

Perguntas para discussão

- Qual é o tipo de violência mais comum cometida dentro de uma família?
- Como se sente a pessoa que sofreu esse tipo de violência?
- Como sabemos se, de fato, cometemos violência contra alguém de nossa família?
- Como nos sentimos quando praticamos algum ato violento dentro de casa?
- Em uma família, existe alguma violência que seja pior do que outra?
- Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência em família nós falamos sobre isso? Denunciamos? Falamos sobre como nos sentimos? Se a resposta for não, peça para explicar o por quê?





FOLHA DE APOIO

Tipos de violência familiar

Violência física: qualquer ação, única ou repetida, não acidental, perpetrada pessoa mais velha que a criança, que pode lhe provocar dano físico. O dano provocado pode variar de uma lesão leve à consequência extrema da morte. Uma das formas dessa violência são os castigos físicos, que compreendem os atos que atingem o corpo da criança, provocando dor. Bater com a mão ou com um objeto (vara, cinto, chicote, sapato, fios etc.); dar pontapés, provocar queimaduras, sacudir a criança ou empurrá-la, beliscá-la ou puxá-la pelos cabelos, obrigá-la a permanecer em posições incômodas ou indecorosas ou a fazer exercícios físicos excessivos. O castigo físico repetido, não severo, também é uma violência: tapinhas na mão, palmadas, beliscões, tapas e bofetões, sacudidelas e empurrões, chutes e pontapés, surras, com ou sem uso de objetos. Essa violência pode causar consequências físicas ou psicológicas, deixando ou não marcas aparentes.

Violência psicológica: É toda a ação que causa ou pode causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Dela fazem parte as ameaças, humilhações, agressões verbais, cobranças de comportamento, discriminação, destruição de pertences ou objetos de estima e apego para a criança, castigo humilhante. Este envolve o uso da violência psicológica tais como ameaças, insultos, xingamentos, constrangimento, chantagens e humilhação pública, assim como ridicularizar, isolar ou ignorar a criança, etc. A violência psicológica é mais difícil de ser identificada, apesar de acontecer com relativa frequência.

Negligência: É a omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação às crianças, quando deixam de prover as necessidades básicas para seu desenvolvimento físico, emocional, social ou cognitivo. Ela pode caracterizar-se como abandono, falta de cuidados, de atenção e de proteção e, ainda, como o não provimento de estímulos e de condições para a frequência a um estabelecimento educacional. Pode causar atraso ou prejuízo ao desenvolvimento infantil ou mesmo acarretar problemas de saúde. É importante fazer a diferença entre a negligência e a situação de privação de recursos da família, sejam materiais ou emocionais, para prover as condições adequadas para o desenvolvimento infantil.

Violência sexual: abrange o abuso sexual (intra e extrafamiliar) e a exploração sexual comercial em suas várias modalidades (exploração sexual propriamente dita, tráfico para fins sexuais, turismo sexual e pornografia).

Abuso sexual: O abuso sexual é a utilização do corpo da criança para estimulá-la sexualmente ou para obter satisfação sexual, por parte de um adulto ou mesmo de um adolescente em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado. Pode ocorrer com ou sem o uso da violência física, com ou sem penetração. O abuso é cometido através da força, engano, suborno, violência psicológica ou moral. Desnudar, tocar, acariciar as partes íntimas, levar a criança a assistir ou participar de práticas sexuais de qualquer natureza são consideradas formas de abuso sexual.

Exploração sexual comercial: É a comercialização da prática sexual com crianças com fins comerciais. São considerados exploradores o cliente, que paga pelos serviços sexuais, e os intermediários, ou seja, aqueles que induzem, facilitam ou obrigam crianças a se submeter a tais práticas. A exploração sexual comercial de crianças na primeira infância pode acontecer no âmbito doméstico, perpetrado pelas pessoas mais próximas da criança.

TÉCNICA 2: Mantendo o controle

Objetivo: Identificar situações onde se sente raiva das crianças e refletir sobre o que fazer para não perder o controle.

Materiais necessários: Folhas de papel grande, canetas de ponta grossa, fita adesiva; folha de apoio para cada participante.

Tempo recomendado: 1 hora

Procedimento

1. Inicie lendo para os participantes o seguinte texto:

“Muitas pessoas confundem raiva com violência, achando que é a mesma coisa. A raiva é uma emoção e, como toda emoção, é algo natural na vida do ser humano. Já a violência é uma forma de expressar a raiva, ou seja, é o comportamento que se tem para colocar a raiva para fora. Existem muitas outras formas de expressar a raiva – formas melhores e mais positivas – que a violência. Expressar nossa raiva quando a sentimos é algo positivo. Muito melhor do que deixá-la crescer porque assim corre-se o risco de acabarmos usando a violência”.

2. Informe que o que se vai discutir nesse exercício são as formas positivas de se lidar com a raiva.
3. Entregue uma folha de apoio para cada participante e vá lendo devagar cada uma das perguntas dando um tempo de 2-3 minutos para que cada pessoa responda a questão perguntada.

IMPORTANTE: É apropriado que o facilitador certifique-se, com antecedência, que os participantes saibam ler e escrever. Caso, algum participante apresente dificuldade de leitura e escrita, recomenda-se que o facilitador não distribua a folha de apoio, fazendo apenas a leitura das questões e convidando para que as respostas sejam discutidas em grupo.

4. Peça que formem grupos de 4 ou 5 participantes e que, durante 20 minutos, compartilhem e comentem as respostas que foram dadas.
5. Entregue duas folhas de papel grande para cada grupo e peça que, a partir das respostas das pessoas do grupo, reflitam sobre as formas possíveis de se lidar com a raiva, elaborando duas listas:

- a) Formas negativas de como reagimos quando estamos com raiva
 - b) Formas positivas de como reagimos quando estamos com raiva
6. Dar aos grupos 15 minutos para fazer essas listas e depois peça que cada grupo apresente suas respostas aos demais.

Perguntas para discussão

- Em geral, como os adultos reagem quando estão com raiva porque as crianças fizeram algo errado?
- Em que situações os adultos usam algum tipo de violência contra as crianças?
- Quais seriam as situações, envolvendo crianças, que fazem com que os adultos percam o controle?
- Quais palavras são usadas pelos adultos quando estão com raiva das crianças? Na opinião de vocês, essas palavras agridem as crianças?
- O que os pais/mães e cuidadores podem fazer para lidar com a raiva nos momentos em que percebem que vão perder o controle e usar a violência?

FOLHA DE APOIO

O que eu faço quando estou com raiva das crianças?

1. Pense em uma situação recente que o deixou com muita raiva de um dos seus filhos ou filhas. Escreva o que aconteceu. (uma ou duas frases).

2. Agora, pensando nessa situação, tente lembrar o que você estava pensando e sentindo. Escreva uma ou duas coisas que você sentiu quando estava com raiva:

3. Como foi que você demonstrou essa raiva? Qual foi o seu comportamento? (Escreva em uma frase ou algumas palavras como você reagiu, suas ações ou seu comportamento quando estava com raiva.)

TEXTO DE APOIO

- Quando falamos em violência contra a criança, geralmente, nos vêm à cabeça atos como dar uma surra, espancar, dar um tapa etc. Entretanto, existem outras formas de violência que praticamos na hora da raiva e nem percebemos como gritar, ameaçar, humilhar, dizer que não gosta mais dela, etc.
- Os problemas com as crianças existem e os conflitos podem gerar muita raiva. Por isso, precisamos aprender a lidar com essas situações sem maltratar as crianças.
- Na hora da raiva, o melhor a fazer é respirar profundamente, contar até 10, acalmar-se e aí sim, tomar uma atitude.
- Estabelecer limites, regras e normas claras conjuntamente com a criança (quando possível), explicar para elas quando estão erradas e o porquê, escutar o que elas têm a dizer, e se colocar no lugar delas, ainda são as melhores formas de se educar uma criança.

Fonte: Adaptado da publicação Protegendo nossas crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Saúde, s/d.

TEXTO DE APOIO

Como lidar com birras e escândalos

Os pais podem ficar irritados quando seus filhos dão ataques e fazem manha, porque sentem vergonha ou porque acreditam que devem ser capazes de controlar o comportamento das crianças.

Lembre-se de que o seu relacionamento com o seu filho ou filha é muito mais importante do que aquilo que os outros podem estar pensando. Se a criança fizer uma birra em público, concentre-se nos seus objetivos de longo prazo* e em dar carinho e orientações claras. Tente não ficar muito preocupado com o que outras pessoas pensam.

Além disso, lembre-se de que tentar controlar um escândalo é como tentar controlar uma tempestade. Não é possível. Crianças dão ataques deste tipo porque não entendem a razão de estarmos negando-lhes algo, e porque elas não sabem muito bem como lidar com a frustração. A birra é a forma encontrada pela criança para dizer que ela está muito, muito frustrado. Se você gritar ou bater nela neste momento, ela apenas ficará ainda mais frustrada. Ela também sentirá medo e acreditará haver sido incompreendida.

A melhor coisa a fazer é esperar. Fique perto para que a criança sinta-se segura enquanto é tomada pela tempestade. Algumas vezes, segurar a criança com carinho pode ajudar-la a se acalmar.

Quando o escândalo houver acabado, sente-se com a criança e converse sobre o que aconteceu. Aproveite a oportunidade para ensiná-la o que são sentimentos, quão fortes eles podem se tornar e quais são os seus nomes. Você também pode explicar o porquê de ter dito “não” e que você entende sua frustração. Diga-lhe o que você faz para acalmar-se quando está frustrado. E certifique-se de haver dito que você o ama, não importa se ele está feliz, triste ou bravo. Depois, passe para outra.

* Segundo a autora, o primeiro passo para a aplicação da disciplina positiva é a definição de objetivos de longo prazo para a educação dos filhos. Objetivos de longo prazo são as metas que os pais desejam atingir quando seus filhos estiverem grandes – e normalmente envolvem o cultivo de um bom caráter, ético, pacífico e amoroso. Objetivos de longo prazo podem entrar em conflito com objetivos de curto prazo, que correspondem àquilo que os pais desejam que seus filhos façam imediatamente. No entanto, o autor explica que pensar nas metas mais distantes é a forma mais inteligente de conduzir a educação das crianças no dia-a-dia.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.



TEXTO DE APOIO

Como controlar a raiva dos pais

- Há muitos momentos na vida de um bebê em que você poderá sentir frustração ou medo. Muitas vezes, esses sentimentos podem gerar raiva. Sentimo-nos irritados quando acreditamos que nossas crianças estão comportando-se intencionalmente mal. Se pensarmos que nossos filhos são capazes de controlar seu comportamento para deixar-nos bravos, ficaremos bravos.

No entanto, bebês não entendem nossos sentimentos. Eles não sabem a razão de nossa irritação. Eles estão tentando entender tudo isso e têm medo de nossa raiva. Não é a reação que eles procuram.

Durante os primeiros anos da infância, paciência é extremamente importante. Eles aprendem conosco como agir quando sentirem-se irritados. É necessário muito autocontrole da parte dos pais para dominar a raiva e responder com disciplina positiva. Respirar fundo pode ajudar, bem como caminhar um pouco ou sair do cômodo até sentir-se mais calmo. O aprendizado infantil é gradual. Levará tempo até que as crianças entendam tudo que ensinamos.

Dicas para controlar sua raiva:

1. Conte até 10 antes de dizer ou fazer qualquer coisa. Se você ainda estiver com raiva, afaste-se e conceda-se um pouco de tempo, até que fique mais calmo.
2. Relaxe seus ombros, respire fundo e repita uma frase como “acalme-se” ou “devagar”.
3. Coloque suas mãos atrás das costas e diga a si mesmo que deve esperar. Não fale nada antes de acalmar-se.
4. Ande um pouco e pense na situação. Pergunte-se por que seu filho age desta maneira. Coloque-se no lugar da criança. Planeje uma reação que respeite o ponto de vista de seu filho e que também mostre para ele as razões de sua irritação.
5. Vá a algum lugar calmo e revise os passos da disciplina positiva. Volte para junto da criança apenas quando houver planejado uma resposta que respeite os objetivos de longo prazo para sua educação, que lhe dê carinho e referências claras, e que reconheça a forma de pensar e sentir de seu filho.
6. Lembre-se de que esta situação é uma oportunidade de ensinar ao seu filho como acabar com conflitos através da comunicação e da resolução de problemas.

A raiva é sinal de que você e seu filho não entendem o ponto de vista um do outro. Ela mostra que a comunicação precisa ser restaurada. Não deixe que a raiva faça com que você diga coisas más, rebaixe seu filho, ou machuque-o. Não guarde rancores ou tente ficar quites com a criança.

Lembre-se de que o aprendizado mais importante acontece nas situações mais difíceis. Agarre cada oportunidade de agir como a pessoa que você deseja que seu filho se torne.

TÉCNICA 3: “Criar... para quê?”

Objetivo: Busca-se que pais, mães e cuidadores:

- Tomem consciência do que desejam alcançar com a educação das crianças;
- Compreendam os aspectos fundamentais para os quais devem orientar a criação e educação das crianças;
- Reconheçam o papel negativo do castigo corporal dentro das expectativas que têm sobre as crianças;
- Reflitam sobre as mudanças ou reforços que podem fazer à maneira como educam as crianças.

Materiais necessários: Folhas de papel, Lápis, Papel de papelógrafo, Plumagem, Canetas, Fita adesiva, Quadro/ mural

Tempo recomendado: 1 hora e 40 minutos

Procedimento

IMPORTANTE: É apropriado que o facilitador certifique-se, com antecedência, se os participantes apresentam dificuldade de leitura e escrita. Neste caso, recomenda-se que o facilitador apenas oriente os participantes a refletirem e discutirem sobre as questões expostas no exercício.

1º. Momento

Individualmente, num pedaço de papel os participantes escrevem a sua expectativa em relação as suas crianças e de que forma estão ajudando para isso.

Depois de escrever individualmente, os participantes organizam-se em grupos para falar sobre as expectativas, sua forma de agir em relação a elas e apresentam para o grande grupo.

Na apresentação, cada grupo vai falar das principais expectativas identificadas e práticas adotadas pelos pais. Neste momento, o facilitador pode tornar visível a discussão para o grupo colocando estas idéias num “flip-chart” – expectativas e práticas.

O facilitador pode provocar a discussão com questões como:

- O que você pensa sobre os tipos de expectativas que surgiram no grupo?
- Quais parecem melhores? Por quê?
- O que estão fazendo para ajudar seus filhos e filhas a conseguirem o que vocês esperam? Por quê?
- Bater ajudaria as crianças a fazerem o que vocês esperam delas? Por quê?
- E o grito, a ameaça e o insulto?
- Para quê se deve criar e educar as crianças?
- Qual é a melhor maneira de criar e educar as crianças?

2º. Momento

Depois da discussão em grupo, convidar os participantes a pensarem sobre alternativas possíveis para a criação/educação que estão dando para as crianças.

- tem algo que mudariam? O quê?

- tem algo que manteriam, que gostariam de ver outros pais fazendo (pais seguindo algum exemplo positivo)? O quê?

A partir do 2º. momento existe a possibilidade de fazer um balanço sobre práticas que poderiam ser mudadas e práticas que poderiam servir como exemplo. Com base nessa reflexão, cada participante faz o “compromisso” – com desenho ou texto – de acordo com o que acredita precisar mudar ou manter.

Esta atividade também pode ser conduzida da seguinte forma:

1º Momento: OBSERVANDO EXPERIÊNCIAS

a) Atividade individual (tempo aproximado 10 minutos)

Pedir que cada participante pense no que espera dos seus filhos (as) quando eles forem adultos (as), a partir da pergunta: “O que você deseja para seus filhos (as) quando forem adultos (as)?”

Cada participante pode escrever sua resposta em uma folha de papel. Caso alguém não saiba escrever, deve apenas pensar a respeito da resposta. Os participantes devem dar respostas concretas, pois afirmações como “ser alguém na vida” não são suficientemente claras. Eles podem pensar o tipo de profissão que o filho exerceria, como seus filhos tratariam as outras pessoas, que valores teriam, quais seriam suas principais qualidades, etc.



Uma vez feita a primeira pergunta, pode-se fazer a próxima: “Como pai ou mãe, o que você faz para ajudar seu filho (a) a conseguir o que você espera dele (a)?”

Deve-se explicar que a criação e a educação exercem um papel importante (todavia não exclusivo) na formação das crianças e o que os pais fazem também influi no modo de ser atual e futuro de seus filhos. Então devem pensar no exemplo que dão, na forma como se relacionam com eles (as) e no tipo de castigo que dão (falar das diversas modalidades, incluindo o castigo físico), nas orientações que dão, em se fixarem nas coisas boas que seus filhos fazem, etc. Ao dar este diversos exemplos, os participantes podem ter um horizonte mais amplo.

b) Grupo para compartilhar as reflexões individuais (tempo aproximado 25 minutos)

- Cada participante comentará suas respostas. Primeiro todos expõem a primeira pergunta e depois a segunda;
- Cada grupo deve fazer uma folha dividida em duas colunas (ou cartolina). Na esquerda escreve-se o que se espera de seus filhos (as) e, na da direita, o que estão fazendo para ajudá-los a conseguirem isso.

c) Debate (tempo aproximado 45 minutos)

- Depois de terminado o trabalho, cada grupo vai para frente expor sua opinião;
- Discussão dos trabalhos em grupo.

O facilitador pode fazer uma síntese do que

foi colocado até então com a colaboração dos participantes sobre as tendências observadas nas exposições dos grupos. As expectativas dos pais e das mães são analisadas através de perguntas como:

- O que você pensa sobre os tipos de expectativas que surgiram no grupo?
- Quais parecem melhores? Por quê?

Ao longo da discussão o facilitador pode comentar, sem impor, a importância de se esperar adultos autônomos (criativos, participativos, que decidem com responsabilidade e que pensam no bem dos demais), capazes de dar e receber afeto, de conviver com os outros em um ambiente de respeito e de estabelecer vínculos afetivos saudáveis.

Pode-se também ressaltar que é importante ter expectativas, mas que a criança é quem deve resolver o que ela quer fazer com a sua vida. O papel dos pais é orientá-las, apoiá-las, aconselhá-las, buscar-lhes oportunidades, mas não decidir por elas.

As respostas da primeira e da segunda pergunta feita aos pais são contrastadas e se interroga:

- O que estão fazendo para ajudarem seus filhos a conseguirem o que vocês esperam Por quê?

Analisa-se em particular o papel do castigo corporal, do gripe, da ameaça e do insulto para ajudar a alcançar as expectativas.

- Bater ajudaria seus filhos a fazerem o que vocês esperam deles? Por quê?
- E o grito, a ameaça e o insulto?

Pode-se ainda discutir sobre as questões:

- Para quê se deve criar e educar os filhos?
- Qual é a melhor maneira de criar e educar os filhos?

2º momento: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES (tempo aproximado 10 minutos)

Com base no que foi discutido, os participantes e o facilitador pleiteiam alternativas e o facilitador as escreve.

- Quais expectativas poderiam mudar? Por quais poderiam mudar?
- Quais ações dos pais, mães e cuidadores poderiam mudar? Por quais?

Caso os pais nada sugiram, pode-se propor:

- Buscar momentos de brincadeira e conversa com os filhos (as);
- Interessar-se pelas atividades deles, tanto as escolares quanto as outras;
- Abraçá-los, acariciá-los;
- Fixar-se nos aspectos positivos e nos esforços feitos pelos filhos (e elogiá-los);
- Quando a criança fizer algo que os pais desaprovem, primeiro perguntar o que aconteceu e tentar encontrar juntamente com a criança uma sanção ou punição adequada;
- Permitir que os filhos cometam erros, não esperar que sejam perfeitos. Saber que es-

ção em crescimento e que, somente paulatinamente, eles vão desenvolvendo habilidades. Saber que pouco a pouco podem ir mudando seus comportamentos.

- Exigir das crianças coisas que elas podem fazer de acordo com o que a sua idade possibilita e permite. Evitar fazer por eles o que eles mesmos podem realizar, assim como evitar exigir algo que ainda não possam fazer.
- Aceitar os sentimentos das crianças e dar a estes sentimentos a importância devida. Procurar entender suas tristezas, sem frases que menosprezem seus sentimentos como “já passou”, “não chore mais”, “isso não é importante”. Igualmente, aceitar seus medos e vê-los como importantes;
- Reconhecer os erros que os adultos cometem ao educarem seus filhos: oferecer desculpas ou pedir perdão quando cometem erros.

3º momento: COMPROMISSOS (tempo aproximado 5 minutos)

Cada pai ou mãe escreverá ou desenhará um compromisso: uma ação que deva ser mudada na forma como estão criando e educando seus filhos para que eles sejam pessoas melhores, criativas, participativas, responsáveis, etc.

- Qual deve mudar?
- Por qual mudarão?

TÉCNICA 4: “Qual é o nosso estilo? – identificando os estilos e práticas familiares para a educação das crianças”

Objetivo: Busca-se que pais, mães e cuidadores:

- Identifiquem os estilos parentais em que foram educados com seus pontos positivos e limitações;
- Identifiquem os estilos parentais que utilizam com suas crianças;
- Reflitam sobre os pontos positivos e as dificuldades do estilo parental que utilizam;
- Visualizem alternativas ou possibilidades de relacionamento e educação de suas crianças.

Materiais necessários: Folhas A4, Lápis, Papel de papelógrafo, Marcadores, Cartões, Quadro

Tempo recomendado: 2 horas

Procedimento

1. Distribua uma folha para cada participante. Peça para colocarem em um lado da folha uma lembrança, com desenho, escrita ou palavras soltas. No outro lado da folha, peça que coloquem a primeira idéia que têm sobre a educação que eles dão para suas crianças.
2. Separe os participantes em pequenos grupos. Indique que devem apresentar nos grupos o que cada um fez. Podem falar das experiências passadas e experiência atual, tentando identificar se teve um estilo

preponderante, um estilo que trouxe mais sofrimento ou bem-estar tanto para eles quanto está sendo para as crianças atualmente.

3. O grupo pode escolher um modelo ou um conjunto de modelos e apresentar o que consideram “mais amigável” e “menos amigável” para as crianças. E trazer essa discussão para o grupo todo.
4. Terminar com uma discussão sobre como foi pensar e falar sobre o passado, o que acreditam que se repete e o que não se repete, se é possível rever seu estilo ou não.
5. Caso não apareça na discussão, o facilitador deve estar atento para a temática do castigo físico, tentando levantar com os pais quais são os momentos/ fatores/ contexto em que uma violência é pertinente. Levar em consideração se essa é a melhor estratégia, se existem alternativas.
6. É importante analisar as circunstâncias em que os pais usam certos castigos e escutar as dificuldades em usar o estilo democrático e dialógico. É fundamental não julgar pais e/ou mães pelo estilo parental que utilizam.
7. É igualmente importante analisar as circunstâncias em que os pais não usam de violência física, nem psicológica.



Construindo possibilidades (tempo aproximado 10 minutos)

Com base nas vantagens e desvantagens de cada estilo de criação, tentar pensar em outras formas de educação para os estilos autoritário e/ ou permissivo e, sobretudo, em outras formas de educação que não seja pelo castigo físico, o grito, a ameaça e o insulto. Pode-se usar como referência as mesmas experiências positivas dos participantes.

Nesta atividade o texto de apoio “Algumas recomendações que podem ser dadas aos pais, mães e cuidadores” também pode ser utilizado.

Compromissos (tempo aproximado 5 minutos)

Cada participante identificará dois elementos de seu estilo parental que deve modificar e como o fará. É dada uma folha a cada participante para que escreva esses dois aspectos e a forma como faria. Os participantes podem apenas falar também.

Encerramento

Se o tempo permitir, proponha uma avaliação da atividade. Solicite aos participantes que digam o aspecto da tarefa que mais gostaram e o que menos gostaram. É importante ser breve.

TÉCNICA 5: Os conflitos familiares como oportunidades para crescer

Objetivo: Compreender a importância da resolução de conflitos para o crescimento das suas relações entre adultos e crianças e identificar ferramentas para facilitar a resolução de conflitos.

Tempo: 2 horas

Materiais: Folhas A4, Lápis, Papel de papelógrafo, Marcadores e Quadro ou mural

Procedimento

1) Trabalho individual (tempo aproximado 10 minutos)

Trabalho individual em que cada participante identifica a situação de conflito com um filho (a) e descreve a maneira como enfrentou o conflito.

Explica-se o objetivo da atividade: olhar experiências sobre a forma como se resolvem os conflitos familiares.

São dadas as instruções: pensar em brigas, problemas ou conflitos com meninos e meninas. Escolher um e escreve-lo ou desenhá-lo levando em conta: o que causou, como reagiu o participante e como se solucionou o conflito.

Cada participante recebe uma folha para o trabalho individual.

2) Trabalho grupal (tempo aproximado 45 minutos)

Trabalho grupal para compartilhar experiências e representar alguns dos casos⁹.

Em cada grupo os participantes expõem suas experiências aos demais.

Entre todos escolhem alguns para representar, se quiserem.

Ensaiam a representação.

3) Debate no grupo maior (tempo aproximado 45 minutos)

Cada grupo faz uma representação do caso escolhido. Depois de cada apresentação, debater coletivamente:

- A causa do conflito
- As atitudes de filhos e pais para enfrentá-lo (evitar, aumentar, resolver através do diálogo e perdão).

Uma vez representados e analisados todos os casos se estabelece:

- As atitudes que dificultam a resolução de conflitos
- As atitudes que facilitam a resolução de conflitos

Construindo possibilidades

O facilitador expõe aos participantes as características que deve ter um diálogo na resolução dos conflitos entre pais e filhos. Essa exposição leva em consideração os casos representados.

⁹ O facilitador precisa estar atento ao grupo quanto à sua disponibilidade (do grupo) para efetuar dramatizações e colocar outras opções, por exemplo, discutir sem dramatizações, realizar mímicas ao invés de dramatizações ou qualquer outro tipo de atividade que o próprio grupo eleja para este momento do encontro.

Encerramento

Debater: por que o diálogo é uma alternativa para evitar o castigo corporal, o grito e a ameaça?

Compromisso para o próximo encontro

Cada participante escreverá ou desenhará duas formas concretas em que pode aumentar o diálogo com seus filhos(as) ou com alguns deles que tem perguntas mais frequentes.



TÉCNICA 6: É possível uma educação sem violência?

Objetivos: Pretende-se que pais, mães e cuidadores compreendam a importância de limites e normas para o desenvolvimento das crianças; que estabeleçam modos democráticos, afetuosos e criativos de acordo com as normas da casa; que estabeleçam alternativas de manejo frente ao descumprimento das normas sem usar castigo físico ou humilhante com as crianças e construam formas de reconhecimento positivo perante o comportamento adequado das crianças.

Procedimento

- 1) Análise de casos em sub-grupos para discutir estratégias de educação.
- Com antecedência os casos devem ser adaptados a linguagem do contexto dos participantes;
 - Caso necessário podem ser criados casos semelhantes;
 - O facilitador distribui 5 casos aos participantes e explica que são pais a procura de ajuda sobre como educarem seus filhos;
 - Cada grupo receberá duas perguntas para responder sobre o caso recebido;

- Cada sub-grupo lê o seu caso perante os outros grupos e suas respostas (o facilitador possui um guia de análise para cada caso que pode lhe auxiliar na condução da discussão no grupo maior; os outros participantes podem participar dando suas opiniões sobre os casos)
- O facilitador deve ir escrevendo em uma folha de flip-chart ou cartolina as respostas trazidas pelos grupos durante cada discussão de caso.
- Depois dos pontos anotados, o facilitador, em uma nova folha do flip-chart ou cartolina, discutirá com os participantes as “mensagens enviadas pelos pais” e os “sentimentos das crianças diante dessas mensagens” e pede para os participantes refletirem sobre os possíveis sentimentos experimentados pelas crianças dos casos analisados.
- O facilitador pergunta:

Nota: A seguir encontram-se os cinco casos e cada um tem duas perguntas para serem resolvidas pelos participantes. Cada pergunta tem correspondente um guia de análise para o facilitador, que não deve ser entregue aos participantes. O guia de análise ajudará o facilitador a manejar o trabalho de grupo e o debate.



Caso nº. 1

Maria tem duas filhas e um filho: Joana de 4, Olga de 3 e Roberto de 3. Ela trabalha todo dia e chega em casa todo dia cerca de 7 da noite, muito cansada. Com os dois menores não tem maiores problemas, todavia Joana é inquieta e gosta de movimentar-se, correr e brincar o tempo todo. Desde sua chegada a casa, Maria repete para Joana que fique quieta para que ela possa fazer suas coisas. A menina a obedece por um tempo, mas logo volta com seus jogos e brincadeiras ao redor da sua mãe. Se Maria não está muito cansada, ela permite, mas quando está exausta ela se desespera porque a menina não a obedece e faz pressão no braço da Joana, que grita e sua mãe explica que ela não a obedece e a manda para cama sem comer.

Maria consulta vocês que devem dar sua opinião acerca de:

- Que mudanças Maria deve fazer para facilitar que Joana diminua sua inquietude ao redor dela?
- Ao invés de gritar, puxar o braço e deixá-la sem comer, o que Maria poderia fazer quando Joana não a obedece?

GUIA DE ANÁLISE PARA AJUDAR O FACILITADOR

Que mudanças Maria deve fazer para facilitar que Joana diminua sua inquietude ao redor dela?

Algumas coisas que Maria poderia fazer:

1. Evitar que alguns dias a menina possa mover-se ao redor dela e outros não possa. É importante que a criança perceba uma coerência, caso contrário, ela pode não entender a ordem da mãe.
2. Estimular a menina para que brinque em outro lugar, distante de onde Maria está. É uma forma de ensinar que há lugar onde pode brincar e outros que não.
3. Ao chegar em casa, ficar um pouco com suas filhas e filho, conversar com eles e brincar um pouco (lhes proporcionar o afeto e a companhia que necessitam).
4. Depois de passar um tempo com seus filhos, colocá-los para dormir para poder fazer seus afazeres (estabelecer normas e hábitos que facilitem a convivência).
5. Colocar a menina para fazer algo adequado para a sua idade, enquanto realiza seus afazeres.
6. Propor algum jogo que a distraia por algum tempo antes da hora de dormir e explicar que assim as duas podem ficar juntas, sem incomodar-se (assim aprende-se a conviver sabendo que não se deve incomodar aos demais).
7. Felicitá-la quando ela se distrai com outra coisa ou brinca em outro local.
8. Conversar com o jardim de infância para saber se a inquietude de Maria é normal para a sua idade.
9. Assegurar que a menina está dormindo tempo requerido para a sua idade (10 horas).

Ao invés de gritar, puxar o braço e deixá-la sem comer, que poderia Maria fazer quando Joana não a obedece?

1. Explicar à menina que a mãe está cansada e que nesse dia necessita que ela lhe ajude brincando em outro lugar (falar ajuda a menina entender que nem sempre pode brincar perto da sua mãe).
2. Levá-la com suavidade a um local da casa onde ela deva permanecer calada por quatro minutos. Acompanhá-la para assegurar-se o que ela fará e que tenha autocontrole. Explicar que existem momentos e locais onde ela deve ficar calada por um momento.
3. Colocar-se na altura física da menina quando lhe der uma instrução ou ordem.
4. Tomá-la suavemente em seus braços e tranqüiliza-la.

Caso nº 2

Pedro tem 9 anos e vive com seus pais. Seu pai trabalha e sua mãe fica em casa. Ele vai à escola, tendo que fazer as tarefas escolares assim que chega da escola, após descansar um pouco. Pedro não gosta de fazer suas tarefas, pois prefere ver televisão ou sair para brincar com seus amigos. Sua mãe, ocupada com os afazeres de casa, manda que ele faça as tarefas, mas não se dá conta se ele obedece. À noite, ambos os pais perguntam se ele fez as tarefas e acreditam quando ele afirma que sim. Quando a escola entrega o boletim, se surpreendem com a professora que afirma que o menino vai mal e é possível que repita o ano. Ao chegar em casa, o pai briga com o menino dizendo que ele é vagabundo, preguiçoso e que não serve para nada. Com um cinto, bate em Pedro no bumbum para que ele aprenda. Além de deixá-lo sem sair e sem ver televisão os 4 meses antes das férias.

Os pais de Pedro os consultam para saber sua opinião acerca de:

- Que mudanças devem fazer os pais para que Pedro realize suas tarefas?
- Ao invés de gritar, humilhar e bater em seu filho, que poderia fazer o pai?

GUIA DE ANÁLISE PARA AJUDAR O FACILITADOR

Que mudanças devem fazer os pais para que Pedro realize suas tarefas?

1. Seus pais devem assegurar-se que o menino se senta para fazer as tarefas.
2. Se o menino não sabe organizar seus estudos, devem ensiná-lo comportamentos como os seguintes: estudar em uma mesa, não ter uma televisão ligada perto, ter tudo o que precisa pronto, começar pelas tarefas mais longas (pois está mais descansado) e, uma vez terminadas as tarefas, colocá-las de volta na sua mochila.
3. Permitir que descanse por cinco minutos entre uma tarefa e outra. A mãe deve assegurar-se de que sejam somente cinco minutos.
4. Revisar as suas tarefas.
5. Felicitá-lo quando ele as tiver feito corretamente.
6. Estabelecer como norma que primeiro faça suas tarefas e logo após será permitido brincar com os amigos ou ver televisão.

Ao invés de gritar, humilhar e bater em seu filho, que poderia fazer o pai?

1. Falar calmamente com Pedro para saber as razões do seu baixo rendimento escolar. A atitude não deve ser de atemorizar, mas de permitir que Pedro reflita, aceitar que pode não gostar de estudar, mas que é importante para sua vida. Explicar que existem coisas que não são agradáveis, mas que precisamos fazer, perguntar se está entendendo tudo na sala de aula e caso apresente dificuldades em alguma matéria, falar com a professora.
2. Estabelecer junto a ele sanções que permitam uma mudança de atitude e seu comportamento em relação ao estudo, entre elas: não ver televisão duas vezes por semana, aos sábados adiantar as tarefas pendentes do mês anterior ou não sair com seus amigos por uma semana.



Caso nº. 3

Julio tem 10 anos e é um menino obediente e educado, com pais muito severos. Estes não o deixam sair para brincar com seus amigos para que não aprenda maus costumes, em casa não pode ver televisão além da meia hora diária e ele deve ajudar com os afazeres domésticos ou as tarefas escolares. Caso desobedeça, seu pai e ou mãe falam seriamente com ele e o castigam proibindo-o de ver televisão por várias semanas. Em geral, não escutam as opiniões de Julio sobre o que gostaria de fazer, pois pensam que como eles são os adultos, sabem o que convém a seu filho para ser uma pessoa de bem.

Um dia, Pablo, seu melhor amigo da escola, convidou o menino para sair após o estudo, e Julio acreditou ser agradável a hipótese e como sabia que sua mãe não permitiria, pois era muito severa, ligou para ela dizendo que ficaria até mais tarde no colégio fazendo um trabalho. Sua mãe permitiu, mas quando ele chegou a sua casa seus pais estavam bravos, pois haviam ido à escola e não o encontraram, se angustiando muito. Seus pais o acusaram de mentir para eles e seu pai o golpeou na boca com a mão, além da sua mãe ter o proibido de sair do quarto durante três dias. Seus pais estão preocupados do menino mentir, pois já disseram a ele que não o fizesse.

Os pais de Julio consultam a vocês e pedem a sua opinião acerca de:

- Que mudanças devem fazer o pai e a mãe para facilitar a sinceridade de Julio com eles?
- Ao invés de bater em seu filho, que poderia fazer o pai?
Ao invés de proibir o filho de sair do quarto, que poderia fazer sua mãe?

GUIA DE ANÁLISE PARA AJUDAR O FACILITADOR

Que mudanças devem fazer o pai e a mãe para facilitar a sinceridade de Julio com eles?

Possivelmente foi a severidade dos pais de Julio que levou o menino a mentir, por isso poderia ser recomendado:

1. Diminuir as normas como, por exemplo, que todo dia esteja dedicado a fazer suas tarefas e ofícios.
2. Permitir que o menino tenha mais lazer e caso não o deixem sair para a rua, que possa convidar amigos para sua casa.
3. Falar mais com Julio para conhecer seus gostos, seus interesses e amigos.
4. Divertir-se com Julio para facilitar o entrosamento da família e maior confiança do menino com seu pai e mãe.
5. Evitar sanções severas, pois geram medo de ser castigado no menino, que não entende a razão das normas.
6. Felicitá-lo quando ele estiver correto e dizer a verdade quando ele cometer uma falha.

Ao invés de bater em seu filho, que poderia fazer o pai? Ao invés de proibir o filho de sair do quarto, que poderia fazer sua mãe?

1. Falar com seu filho para indagar o que o levou a mentir. Escutar suas razões.
2. Estabelecer com ele uma consequência curta e lógica em um ambiente de afeto. Poderiam propor: escrever uma carta aos pais pedindo perdão pela mentira e explicações do porque não é bom mentir, não ver televisão por um dia e no lugar disso, ajudar em alguma tarefa em casa, a próxima vez que um amigo o convidar para sua casa não poderá ir (isso o ajudará a lembrar que é melhor pedir permissão).

Caso nº 4

Teresa tem 5 anos e é inteligente e curiosa. Seus pais trabalham durante todo o dia para sustentar a casa, que além de Teresa têm mais 3 filhos. Eles têm muito pouco tempo para ficar com seus filhos. Um dia, sua mãe percebe que falta uma nota em sua carteira, porém como era pouco dinheiro, não presta muita atenção ao fato. Na semana seguinte, o mesmo acontece, e ela fica preocupada e encontra debaixo da cama da filha. Chama sua filha e sem dizer nada, bate nela e a chama de ladra e que ela não a ensinou a roubar e que se seguir com esse comportamento vai mandá-la para uma instituição de crianças com problemas.

O pai e a mãe de Teresa procuram vocês e vocês devem dar sua opinião sobre:

- Que mudanças devem providenciar os pais da menina para que ela não volte a pegar dinheiro escondida?
- Ao invés de bater e ameaçar sua filha, o que a mãe poderia fazer?

GUIA DE ANÁLISE PARA AJUDAR O FACILITADOR

Que mudanças devem providenciar os pais da menina para que ela não volte a pegar dinheiro escondida?

É importante que o pai e a mãe:

1. Possam dedicar algum tempo a seus filhos quando estão em casa, principalmente nos fins de semana em que não trabalham. Conversar com Teresa sobre assuntos distintos e responder as demandas dos seus filhos. Brincar com a menina e seus irmãos em alguns momentos livres que tenham (isso tudo faz com que os filhos se sintam mais próximos dos pais e traz segurança emocional).
2. Dar algumas moedas de pouco valor para a menina que possa ir gastando em algo que goste. Ensiná-la a comprar e pagar com seu dinheiro (isto a ensina o valor do dinheiro e permite sentir que tem algum dinheiro próprio cujo destino pode decidir). Estabelecer que o dinheiro dos outros não deve ser pego (assim é ensinada a norma e o valor de respeitar as coisas alheias).
3. Falar com a menina sobre a necessidade que eles têm de trabalhar para conseguir o sustento da casa (isso ajuda a entender o valor do dinheiro).

Ao invés de bater e ameaçar sua filha, o que a mãe poderia fazer?

1. Perguntar a menina se ela pegou o dinheiro e caso ela afirme que sim, perguntar o porquê e para que ela fez isso. Falar calmamente, pois não se trata de fazer com que a menina fale com atitudes ameaçadoras. É preciso reconhecer que uma menina dessa idade não conhece o valor do dinheiro e as notas têm o mesmo valor. Explicar que o dinheiro pertence a sua mãe e que as coisas dos outros não podem ser pegadas sem a permissão destes, pois eles podem precisar. Perguntar a ela o que pode fazer da próxima vez que quiser dinheiro e caso não ocorra nada, propor que peça a sua mãe ou algum outro adulto.
2. Junto com a menina, chegar a um acordo sobre a sanção por ter pego dinheiro escondida. Por exemplo, pode fazer alguma tarefa do lar apropriada a sua idade e por isso, sua mãe lhe paga e ela dá esse dinheiro de volta a mãe para repor o dinheiro roubado. São conseqüências lógicas, como a falta, que acabam sendo reparadoras.



Caso nº 5

Daniel tem 4 anos e é uma criança amável, simpática e atraente. Todavia, tem um comportamento caprichoso e chora e grita quando seus pais não lhe dão o que pede. Seus pais para evitar que chore muito porque pode incomodar aos vizinhos, tratam de dar sempre que é possível, porque sua situação econômica não é muito boa. Então, quando o menino não entende, eles lhe batem e dão um banho de água fria para que ele se acalme, para aplacar sua ira e seu choro e possa ser controlado.

Os pais de Daniel se consultam com vocês, qual é sua opinião acerca de:

- Que mudanças devem propiciar os pais de Daniel para que ele não se comporte desse jeito?
- Ao invés de bater e jogar água fria, o que poderiam fazer?

GUIA DE ANÁLISE PARA AJUDAR O FACILITADOR

Que mudanças devem propiciar os pais de Daniel para que ele não se comporte desse jeito?

1. Antes de tudo não se deve dar tudo o que o menino pede, inclusive quando se têm dinheiro para comprar. Se o menino se acostumar a ter tudo o que quer, terá sempre esse comportamento mimado.
2. Felicitar o menino quando a ele for negado algo e ele aceitar sem o comportamento mimado.

Ao invés de bater e jogar água fria, o que poderiam fazer?

1. Caso estejam em um local privado, deixar o menino chorar, e impedi-lo assim que ameçar um escândalo. Estar perto sem falar nada, cuidar para que ele não faça escândalo. Não fazer tudo o que menino quer.
2. Caso estejam em um local público, retirar-se a um local mais isolado e esperar que passe com o comportamento mimado. Não falar com ele e cuidar para que ele não faça escândalo.
3. Assim que a fúria do menino passar, conversar com ele: Explicar que nem sempre se pode fazer tudo o que quer.
4. Chegar a um acordo sobre uma pequena sanção que ajude no futuro a entender como seus comportamentos mimados incomodam e podem magoar aos demais, ficar sozinho algum tempo em seu quarto e fazer algum favor para seu pai e mãe (isso permite a reflexão e a reparação dos danos).

Na discussão no grupo maior, o facilitador deve ir escrevendo as respostas relativas a:

Adequação da forma como se estabeleceram as normas com os meninos e meninas. Alternativas para estabelecê-las: os casos têm diferentes perspectivas sobre o estabelecimento de normas, pois algumas são muito severas, outras não muito claras, outras permissivas. No guia de análise encontram-se pistas para trabalhar esse ponto. Depois de todos os grupos darem as respostas, pode-se mostrar uma folha onde estejam explicados os princípios desejáveis para o estabelecimento das normas. Isso complementará a discussão, ainda sendo necessário dar exemplos concretos.

Construindo possibilidades

Ao finalizar o debate, o facilitador convida os participantes a pensarem em situações difíceis que tiveram com suas crianças e nas quais usaram o castigo físico e/ ou a violência psicológica. Sugere-se que escolham uma delas (os participantes não precisam falar quais são essas situações). Depois, o facilitador os convida a refletirem sobre como eles poderiam ter feito diferente de modo a promoverem os sentimentos positivos listados no flip-chart a partir da discussão no grupo. O facilitador pode ajudar auxiliando os participantes a lembrarem os momentos em que enviaram mensagens positivas para as crianças tendo com isso conseguido uma interação harmoniosa e menos conflituosa com elas. O facilitador pode ajudar os participantes a identificarem como passaram essas mensagens positivas (seja verbalmente ou por meio da linguagem corporal). Por fim, o facilitador convida os participantes a escolherem uma prática educativa que eles utilizam, mas que gostariam de fazer diferente, e incentivá-los a tentarem colocar em prática uma estratégia positiva no seu lugar (lembrando o que foi discutido no grupo sobre a importância da comunicação e como ela é composta de dois elementos – o referencial e o relacional, as consequências positivas das mensagens positivas, etc).

TEXTO DE APOIO

Tapas e palmadas

Alguns pais, mães ou cuidadores acreditam que dar tapas na mão, palmadas no bumbum ou bater na criança com uma vara pode ensinar importantes lições. Na verdade, o castigo físico ensina à criança que:

- É batendo que comunicamos coisas importantes.
- Bater é uma resposta aceitável para a raiva.
- As pessoas das quais elas dependem para sua proteção irão machucá-las.
- Eles devem ter medo dos adultos, ao invés de confiar neles para que ajudem e ensinem.
- Suas casas não são seguras para exploração.

É necessário que pensemos sobre o que queremos ensinar a nossas crianças no longo prazo. Se quisermos ensiná-las a serem pacíficas, precisamos mostrar a elas como ser pacíficas. Se quisermos ensiná-las como permanecer em segurança, devemos explicar e mostrar a elas como fazê-lo.

Pense no efeito que ser punido fisicamente tem sobre adultos. Quando alguém nos bate, sentimos humilhados. Não temos motivação para agradar a pessoa que nos bateu, sentimos ressentimento e medo. Podemos inclusive ter desejo de vingança.

Bater em uma criança prejudica seu relacionamento com ela, e não lhe dá a informação necessária para que tome decisões. Além disso, bater não aumenta o respeito dela por você.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.



TEXTO DE APOIO

Desaprovação e críticas

Algumas vezes, os adultos tentam corrigir as crianças dizendo-lhes que são más, desastradas, imaturas ou incompetentes. Quando as crianças ouvem tais críticas, sentem-se rejeitadas e fracassadas.

Se elas se virem como más, terão mais propensão a adotar comportamentos maus.

Se elas se virem como incompetentes, terão menos propensão a dominar novas habilidades.

Crianças são aprendizes. Elas dependem de nós para construir seu saber e habilidade. Elas precisam de nosso apoio. Crianças com boa auto-estima têm mais sucesso porque se dispõem a tentar. São mais felizes porque têm mais certeza de sua capacidade de lidar com o fracasso. E têm relacionamentos melhores com seus pais porque sabem que suas famílias acreditam nelas.

Nós somos todos movidos pelo encorajamento. Trocar as críticas pelo encorajamento pode ter efeitos positivos sobre as crianças.

Fonte: DURRANT, Joan E. Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.

TEXTO DE APOIO

Conhecendo um pouco mais sobre disciplina positiva

A disciplina positiva supõe que a criança deseja se comportar bem, mas que precisa de ajuda para entender como fazer isso. Ela funciona com base no princípio de que as crianças aprendem mais por meio da cooperação e da recompensa do que por meio de conflitos e castigos.

Ela também gera a idéia de que quando a criança se sente bem, ela tende a se comportar bem e quando se sente mal, tende a se comportar mal. Essa abordagem significa que:

- o comportamento aceitável é exemplificado pelos pais, quando a criança se porta bem ela é premiada com atenção e elogios;
- é sempre o comportamento que é criticado como sendo ruim, não a criança;
- o mau comportamento recebe a menor atenção possível e não é recompensado;
- os pais têm expectativas realistas a respeito do que seus filhos são capazes em idades diferentes e não exigem mais do que eles podem atingir;
- limites e regras são claramente estabelecidos e consistentemente impostos de forma não-violenta, de modo que a criança entenda o que se espera dela. Os pedidos são colocados positivamente, ou seja, se diz mais “faça isso” do que “não faça isso”;
- são definidos limites claros para assuntos importantes, mas com abertura para negociar pontos menos importantes;
- os pais passam a conhecer melhor seu próprio limite de tolerância e a desenvolver estratégias para lidar com ele, evitando bater nos filhos;
- as crianças são ouvidas, suas opiniões recebem a consideração adequada e elas são tratadas de forma justa e respeitosa;
- a disciplina tem uma relação clara e proporcional com o comportamento que requer mudança;
- podem ser usadas sanções que não são físicas nem humilhantes.

Fonte: Harper, Kate; Horno, Pepa; Martin, Florence e Nilsson, Mali. Erradicando o castigo físico e humilhante contra a criança: manual de ação. Save the Children Suécia. 2006.123p.



03

NOTAS SOBRE A TESTAGEM¹⁰

As atividades incluídas neste manual foram adaptadas de outros materiais e documentos destinados ao trabalho com famílias, pais, mães e cuidadores de crianças de 0 a 12 anos sobre o tema dos castigos físicos e humilhantes e prevenção de outras formas de violência contra crianças.

As atividades foram utilizadas em grupos com pais, mães e cuidadores em três comunidades do Rio de Janeiro como parte do projeto Criança Sujeito de Direitos. Para os fins desta publicação, identificaremos as comunidades pelas letras A, B e C.

A **comunidade A** está situada na Zona Oeste, tem uma população de, aproximadamente, 9.600 habitantes e um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do município. Bastante afastada do centro da cidade, nesta comunidade a densidade demográfica é mais baixa e o acesso a equipamentos e serviços públicos é menor que nas outras duas comunidades. A **comunidade B** está situada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Tem uma população de aproximadamente 8 mil habitantes, de acordo com os indicadores oficiais (ou 20 mil, segundo a associação de moradores). Melhor localizada em relação ao centro econômico financeiro e no coração da principal zona turística da cidade, tem maior acesso a equipamentos e serviços, além de contar com uma expressiva presença de ONGs e projetos sociais voltados para o público infante-juvenil. Durante a realização da pesquisa, foi freqüente a ocorrência de troca de tiros entre a polícia e o tráfico de drogas, além de ser comum a presença de traficantes armados abertamente na comunidade. A **comunidade C** também está situada na Zona Oeste e a maioria dos seus moradores possui uma renda familiar entre 2 e 5 salários mínimos.

Ao longo do processo foram realizadas reuniões de supervisão com os facilitadores com o objetivo de acompanhar e avaliar como cada grupo estava se desenvolvendo em torno do tema e avaliar a adequação das atividades propostas.

¹⁰ Para mais informações, ver: Promundo. Relatório de Avaliação do Projeto Criança Sujeito de Direitos: promovendo normas e comportamentos como estratégia de prevenção ao uso de violência contra crianças. 2009.



Na **comunidade A** foram realizados 10 encontros com 05 grupos de pais e responsáveis por crianças entre 0 e 12 anos de idade, totalizando 108 participantes. Segundo os facilitadores, os pais aproveitaram muito o espaço dos grupos para falar de suas vidas e experiências, além dos conflitos com os filhos. As dinâmicas que abordaram os temas de desenvolvimento infantil e gênero foram as que mais tiveram repercussão entre os participantes, pois muitos se surpreenderam com o fato de não ter muito conhecimento sobre como as crianças se desenvolvem e isso ser uma das causas dos conflitos e violências geradas dentro de casa. Estas atividades também oportunizaram a reflexão sobre como educam seus filhos e filhas e passaram a perceber que na medida em que eles, como pais, promovem mudanças nas suas atitudes, o mesmo acontece com as crianças. Na avaliação dos facilitadores, é grande a carência de informação por parte dos pais sobre questões relacionadas a práticas educativas e ao desenvolvimento infantil.



Na **comunidade B**, foram realizados 10 encontros com 07 grupos com pais e responsáveis por crianças entre 0 e 12 anos, totalizando 159 participantes. Os facilitadores perceberam uma dificuldade maior do grupo em contribuir imediatamente para as discussões. O tema dos castigos físicos, o “bater”, era bastante banalizado entre os participantes dos grupos, gerando risadas, negação e tensão – quando alguém mostrava opinião contrária aos castigos. Muitos adultos não reconhecem as violências sofridas e exercidas sobre seus filhos como violência; foi preciso resgatar com os participantes o sentido da palavra e provocar a discussão e reflexão.

Também ficou evidente para os facilitadores a carência de informação sobre desenvolvimento infantil entre os integrantes dos grupos da **comunidade B**. As atividades relacionadas ao tema causaram grande repercussão entre os pais/responsáveis. Apareceram ainda muitas dúvidas sobre como educar meninos e meninas, desconhecimento sobre o corpo e sexualidade, o que influencia na forma como criam seus filhos e se comunicam com eles. Existe uma preocupação quanto à violência do tráfico vitimizar os meninos e a violência sexual, as meninas.

Na **comunidade C** foram realizados 5 encontros com 09 grupos com pais e respon-

sáveis de crianças entre 0 e 12 anos, totalizando 159 participantes. Diferentemente das outras comunidades, nesta as pessoas demonstraram muito interesse em participar dos encontros pelo tema que seria abordado. Este fato foi avaliado pelos facilitadores como positivo para o envolvimento dos participantes nas atividades e para promover as mudanças desejadas. Os participantes faltaram menos aos encontros e traziam muitas demandas. Todos tinham muitas histórias de violência e vivências de discriminação racial e exclusão. Houve muita receptividade para o tema dos encontros. Também se percebeu uma carência grande de informação sobre todos os temas da intervenção e qualquer atividade proposta parecia de difícil compreensão. Nesta comunidade ficou evidente o modo como a religião influencia as relações homem/mulher e as práticas familiares.

Destacamos ainda os seguintes pontos:

Metodologia utilizada: a maioria dos/as participantes achou que a forma participativa como foram conduzidos os encontros fizeram com que aprendessem mais. Os debates que ocorreram após as técnicas, foram considerados importantes para se entender melhor os conteúdos e agradeu a forma democrática com que ocorreram.

Temas: tal como os facilitadores espera-

vam, o tema do abuso sexual contra crianças foi o mais difícil de coordenar. Os participantes trouxeram diversas situações vivenciadas por eles próprios ou suas famílias e mostraram dificuldades de aceitar que tais situações devem ter acompanhamento das autoridades competentes. Apareceram muitas manifestações agressivas, sugerindo inclusive que tais violações devem ser remediadas com violência – como “fazer justiça com as próprias mãos” –, manifestações que levaram a discussões bastante tensas, sendo necessária uma intervenção mais direta dos facilitadores. A raiva e a o desejo de revanchismo podem ser explicados pelas situações de violência vivenciadas por essas pessoas em suas localidades, bem como pela insatisfação com as respostas e a morosidade dos órgãos competentes na solução de problemas deste porte.

Mudança de atitudes: quando perguntamos aos participantes dos grupos se tinham falado com alguém sobre os temas que foram discutidos na capacitação, as respostas mostraram que tínhamos alcançado um de nossos objetivos: o de multiplicar as informações na comunidade.

Os/As participantes também perceberam que algumas atitudes e comportamentos que tinham com as crianças mudaram depois dos encontros.

No fechamento dos grupos, houve a solicitação de que os encontros tivessem continuação e/ou desdobramentos na comunidade.

Uma Nota Final: reconhecemos que nenhum manual, nenhuma capacitação ou grupo de apoio consegue por si só combater a violência. Reduzir a violência contra crianças requer um trabalho em diferentes níveis comunitários e sociais para questionar a violência existente e assegurar o apoio às famílias e crianças na garantia de seus direitos, educação, saúde, empregabilidade e cidadania. Informar e fortalecer pais, mães e cuidadores é vital para a prevenção da violência. Este seja, talvez, o primeiro passo a ser dado.





SUGESTÕES DE SITES E MATERIAIS DE APOIO

Existe uma grande quantidade de informações disponíveis na internet orientadas para o apoio a pais, mães e cuidadores que desejam e decidem evitar o uso dos castigos físicos e humilhantes na educação de crianças.

Os endereços eletrônicos listados abaixo são de organizações ou indivíduos que oferecem valiosas informações e apoio em relação ao estabelecimento de disciplina sem recorrer aos castigos físicos e humilhantes. Além disso, há conteúdos sobre disciplina positiva para professores e educadores, sobre como lidar com alunos em sala de aula ou outros aspectos referidos ao trabalho com estudantes em escolas.

Alliance for Transforming the Lives of Children

www.atlc.org

Attachment Parenting International

www.attachmentparenting.org

Center for Effective Discipline

www.stophitting.com

Children are unbeatable! Alliance

www.childrenareunbeatable.org.uk/

Christians for Non-Violent Parenting

www.nospank.net/cnpindex.htm

Classroom Management Online

<http://classroommanagementonline.com/index.html> y www.panix.com/~pro-ed

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/conselho/conanda/

Education World

www.educationworld.com

Empathic Parenting

www.empathicparenting.org

EPOCH New Zealand

www.epochnz.org.nz

Family and Parents Institute

<http://www.familyandparenting.org/>

Gentle Christian Mothers

<http://www.gentlechristianmothers.com/>

Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children

www.endcorporalpunishment.org

Kirklees Parenting Support Forum

www.kirklees.gov.uk/community/healthcare/childrenandfamilies/parentsupport/madressahs.shtml

Laboratório de Estudos da Criança/ USP

www.usp.br/ip/laboratorios/lacri

National Association for Prevention of Child Abuse and Neglect

www.napcan.org.au

National Society for the Prevention of Cruelty to Children

www.nspcc.org.uk

Natural Parenting UK

www.natural-parenting.com

New South Wales Centre for Parenting and Research

www.parenting.nsw.gov.au

New South Wales Commission for Children and Young People

www.kids.nsw.gov.au

Parenting of Adolescents

<http://parentingteens.about.com>

Parenting without Punishing

www.nopunish.net

PositiveDiscipline.com

www.positivediscipline.com

Positive Parenting On-line

www.positiveparenting.com

Project NoSpank

www.nospank.net

Raising Kids

www.raisingkids.co.uk

Rede Nacional Primeira Infância

www.primeirainfancia.org.br

Rede Não Bata, Eduque!

www.naobataeduque.org.br

Secretaria Especial de Direitos Humanos

www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/

Site infantil do Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF]

www.unicefkids.org.br

The Natural Child Project

www.naturalchild.org

The No Spanking Page

www.neverhitachild.org

www.fatheranddaughter.org

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Gabriela, Nascimento, Marcos e Barker, Gary. Kit Primeira Infância. Promundo, Rio de Janeiro, 2007.

DESLANDES, Suely F.; Assis, Simone G.; Gomes, Romeu et. al. Livro das famílias: conversando sobre a vida e sobre os filhos. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Sociedade Brasileira de Pedriatria, 2005. 80p.

DURRANT, Joan E., Positive discipline: what it is and how to do it? Save the Children Sweden e Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, 2007.

FONSECA, Vanessa, Nascimento, Marcos, Pizzi, Bruno. Pelo fim da exploração sexual: o que os homens podem fazer? Manual para a sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos. Promundo: Rio de Janeiro, 2008.

GIRADE, H. Competências Fundamentais para Famílias e Comunidades em Desenvolvimento Infantil, apresentação no Encontro Compartilhando Olhares e Experiências em Pesquisa e Ação para Famílias e Comunidades. Rio de Janeiro, 3 de junho de 2003.

Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children. www.endcorporalpunishment.org

HARPER, Kate; Horno, Pepa; Martin, Florence e Nilsson, Mali. Erradicando o castigo físico e humilhante contra a criança: manual de ação. Save the Children Suécia. 2006.123p.

HARPER, Kate, Hyder, Tina, Johnston, Elaine. Podemos solucionarlo: confianza em la crianza de los hijos. Material de capacitacion para padres. Save the Children Reino Unido. Bogotá, Colômbia, 2003

HART, Stuart etal. O caminho para uma disciplina infantil construtiva: eliminando castigos corporais. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2008.

HORNO, Pepa. Amor, poder y violència: una comparación transcultural de los patrones de castigo físico y psicológico. Save the Children España: Madrid, 2005.

Manual Lucha contra el castigo físico en la familia: manual para la formación y las recomendaciones de los grupos que participaron en su validación. Costa Rica, 2003.

MEDINA, Soledad S. Estilos de Crianza y cuidado infantil en Santiago de Chile. Algunas reflexiones para comprender la violencia educativa en la familia. Informe Estudio. Santiago, Chile, 2006.

Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar: Informações e orientações para Agentes Comunitários de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 40 p. ilus.

Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

NARVAZ, Martha, Koller, Silvia. Por uma pedagogia não-violenta: a questão do castigo físico como forma de disciplinamento. Revista Teoria e Prática da Educação. V.7, n.1, p.27-34, jan/abr. 2004.

Promundo e CIESPI. Cuidar sem violência todo mundo pode: guia prático para famílias e comunidades. Rio de Janeiro, 2003.

Promundo. Práticas familiares e participação infantil a partir da visão de crianças e adultos: um estudo exploratório na América Latina e no Caribe. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Rede Não Bata, Eduque. www.naobataeduque.org.br

Save the Children e Fundación PANIAMOR. Lucha contra el castigo físico en la familia: Manual para la formación. 2004. 203p.





O PROMUNDO É UMA ONG BRASILEIRA, FUNDADA EM 1997, QUE BUSCA PROMOVER A IGUALDADE DE GÊNERO E O FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, CRIANÇAS E JOVENS.

O Promundo tem sua sede no Rio de Janeiro e realiza trabalhos local, nacional e internacionalmente tais como:

- (1) pesquisas relacionadas à igualdade de gênero e saúde;
- (2) implementação e avaliação de programas que buscam promover mudanças positivas nas normas de gênero e nos comportamentos de indivíduos, famílias e comunidades; e
- (3) advocacy pela integração dessas iniciativas e da perspectiva da igualdade de gênero em políticas públicas.

Rua México, 31/1502 – Centro – Rio de Janeiro/RJ CEP: 20031-904 – Brasil

Telefone/Fax: +55 (21) 2215-5216

www.promundo.org.br

e-mail: promundo@promundo.org.br